


## O pequeno grande mundo do Pensamento Social no Brasil

Antonio Brasil Jr.<sup>I</sup> 

Luiz Carlos Jackson<sup>II</sup> 

Marcelo Paiva<sup>III</sup> 

### Introdução

A profusão de balanços da área de Pensamento Social no Brasil, doravante PSB, poderia tornar este artigo um exercício reiterativo. Optamos, então, por uma análise mais abrangente, visando refletir sobre a evolução da área, o modo de funcionamento, os padrões de atuação das diferentes gerações de seus pesquisadores e alguns de seus desafios contemporâneos. Baseados em inúmeros parâmetros, podemos afirmar que o PSB se consolidou nas últimas décadas como uma área de pesquisa reconhecida nas ciências sociais do país. A quantidade e a regularidade das publicações — teses e dissertações, artigos, dossiês em revistas científicas e livros —, a disseminação e a regularidade de cursos de graduação e pós-graduação em todo país, a existência de grupos de trabalho

nos principais congressos e a realização de diversos balanços bibliográficos comprovam sua legitimação progressiva. Tudo isso derivou da constituição e da integração, nas últimas décadas, de um conjunto de produtores, identificados direta ou indiretamente com a especialidade em questão<sup>1</sup>.

A formação de áreas de pesquisa pode ser apreendida como um processo autoevidente, mas é resultante de alianças e disputas envolvendo instituições, disciplinas, grupos e pesquisadores. Nessa direção, os balanços recentes sobre as áreas afins — além do PSB, podemos mencionar, entre outras, sociologia da cultura, sociologia dos intelectuais, sociologia da sociologia, pensamento político brasileiro e teoria social — expressam tensões, reivindicam perspectivas analíticas distintas para o exame de objetos compartilhados e sinalizam a constituição de áreas ou subáreas

---

1 A Biblioteca Virtual do Pensamento Social (BVPS) tem produzido de forma contínua análises da produção e do perfil disciplinar do PSB, catalogando suas principais teses, artigos, *papers* etc. (BOTELHO, 2015; BRASIL JR.; CARVALHO, 2017).

---

<sup>I</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ), Brasil – E-mail: antoniobrasiljr@gmail.com

<sup>II</sup>Universidade de São Paulo – São Paulo (SP), Brasil – E-mail: ljackson@usp.br

<sup>III</sup>Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ), Brasil – E-mail: paiva.marcelosantos@gmail.com

Artigo recebido em 03/04/2019. Aprovado em 07/10/2019

emergentes e/ou concorrentes<sup>2</sup>. Em outros termos, o processo de expansão e especialização das ciências sociais que condicionou a emergência da área de PSB — mas não apenas — permanece ativo, com consequências em vários níveis, sobre as quais tentaremos refletir no andamento deste trabalho.

Vale notar que a emergência de áreas de pesquisa também exprime dinâmicas sociais mais gerais que extravasam o âmbito propriamente científico em que estas se conformam, tais como as especificidades do processo de formação do Estado-nação e as tensões do processo de democratização do país (BOTELHO; RICUPERO; BRASIL JR., 2017). No entanto, nossa análise do PSB privilegiará a análise de algumas tendências internas de competição e de cooperação nas ciências sociais praticadas no Brasil, à luz de novas ferramentas e metodologias informacionais e do chamado *distant reading* (MORETTI, 2013).

Este trabalho divide-se em duas seções. Na primeira, traremos algumas balizas mais gerais da estrutura e da dinâmica do PSB, identificadas a partir do perfil disciplinar, institucional e geracional dos pesquisadores que participaram (pelo menos uma vez) do Grupo de Trabalho (GT) “Pensamento Social no Brasil”, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs). Apesar de o PSB não se resumir a esse grupo, como veremos adiante, ele se constituiu como espaço fundamental de

organização e de auto-observação da área de pesquisa, o que nos permite capturar algumas tendências mais gerais.

Na segunda seção, apresentaremos os livros do PSB como um elemento decisivo do caráter coletivo de produção da área, assinando que, em meio a polarizações e disputas internas intensas, constitui-se, não obstante, uma dinâmica coletiva e compartilhada de produção intelectual que a posicionou como uma área reconhecida/dominante das ciências sociais no Brasil. Além das análises das redes de relações formadas entre os pesquisadores, também apresentaremos, em registro experimental, alguns indicadores que revelam a estrutura e a evolução vocabular da área por meio dos títulos de seus livros.

## **Estrutura e dinâmica da área de Pensamento Social no Brasil**

Em relação à área, gostaríamos de enfatizar duas singularidades importantes. A primeira refere-se à sua interdisciplinaridade. Trata-se, nesse sentido, de uma especialidade das ciências sociais, incorporando cientistas políticos, antropólogos, sociólogos, além de especialistas de outras disciplinas, tais como filósofos, historiadores etc. (BOTELHO, 2015; SCHWARCZ; BOTELHO, 2011).

Na Figura 1, de acordo com os dados dos 185 participantes do GT “Pensamento Social no Brasil”, da Anpocs, que reuniu os prin-

---

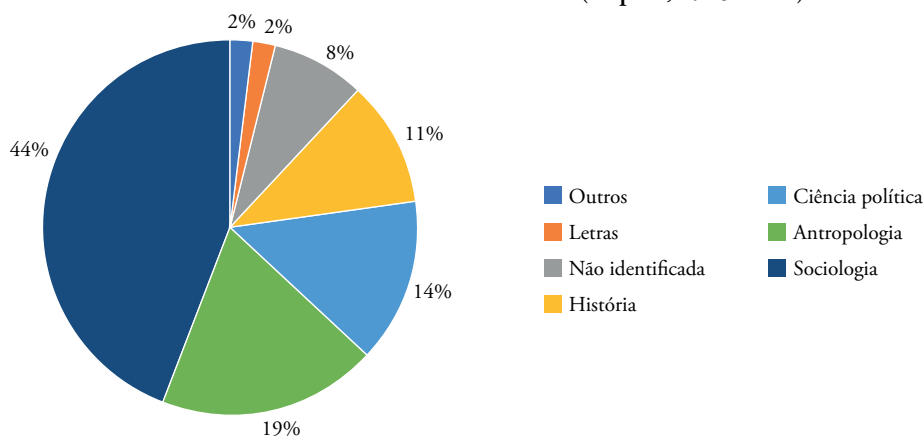
2 Destacamos, em ordem cronológica: “Intelectuais Brasileiros” (Miceli, 1999); “Interpretações sobre o Brasil” (Oliveira, 1999); “Pensamento Social da Escola Sociológica Paulista” (Bastos, 2002); “Ideias, intelectuais, textos e contextos: novamente a sociologia da cultura” (Maia, 2006); “Pensamento brasileiro e teoria social: notas para uma agenda de pesquisa” (Maia, 2009); “Sociologia da cultura e Sociologia da comunicação de massa: esboço de uma problemática” (Arruda, 2010); “Horizontes das ciências sociais: pensamento social brasileiro” (Bastos; Botelho, 2010); “Por que pensamento e não teoria? A imaginação político-social brasileira e o fantasma da condição periférica (1880-1970)” (Lynch, 2013); “Cartografia do pensamento político brasileiro: conceito, história e abordagens” (Lynch, 2016); “*Instauración y desarrollo de la sociología de la cultura en Brasil*” (Alonso; Pinheiro Filho, 2017); “Histórias das ciências sociais brasileiras” (Jackson; Barboza, 2017).

cipais pesquisadores da área no período de 1983 a 2018<sup>3</sup>, vemos a distribuição por origem disciplinar<sup>4</sup>. A despeito da presença majoritária dos sociólogos, outros especialistas, sobretudo antropólogos, cientistas políticos e historiadores, tiveram participação expressiva no grupo. A Figura 2 apresenta a distribuição da origem institucional dos pesquisadores.

A segunda diz respeito à sua circunscrição nacional. Salvo engano, não há áreas ou

subáreas equivalentes diretas em outros países<sup>5</sup>. O termo “pensamento social no Brasil”, ou “pensamento social brasileiro”<sup>6</sup>, aliás, tem duplo sentido. De um lado, refere-se à tradição dos grandes intérpretes do Brasil e dos pioneiros das ciências sociais brasileiras; de outro, à área de pesquisa voltada à problematização desse objeto, por diferentes abordagens que, em linhas gerais, polarizaram-se entre análises textualistas e contextualistas,

**Figura 1 – Principal área disciplinar dos pesquisadores do Grupo de Trabalho “Pensamento Social no Brasil” (Anpocs, 1983-2018).**



Fonte: Plataforma Lattes.

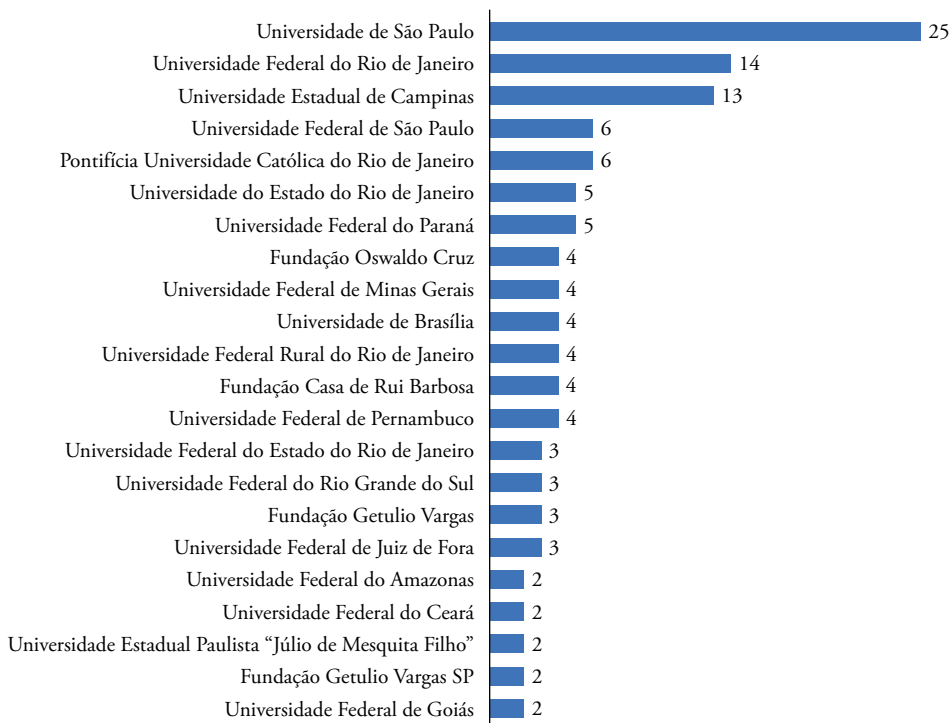
- 3 Foram considerados todos os pesquisadores que tenham participado, pelo menos uma vez, do GT “Pensamento Social no Brasil”, da Anpocs, entre 1983 e 2018, seja como coordenador ou expositor. Para os dados entre 1983 e 1995, foi consultado o artigo de Lucia Lippi Oliveira (1999); para os dados de 1996 até o presente, foram consultadas as informações disponíveis no site da Anpocs. Uma análise dos *papers* do GT da Anpocs, em comparação com os do GT de mesmo nome na Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), está sendo realizada por Mariana Chaguri (Universidade Estadual de Campinas — Unicamp), Alexandre Trindade (Universidade Federal do Paraná — UFPR) e Antonio Brasil Jr. (Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ).
- 4 O critério de definição das áreas disciplinares foi o mesmo adotado pela Plataforma Acácia, que leva em consideração a primeira área de conhecimento registrada pelo acadêmico na Plataforma Lattes (DAMACENO *et al.*, 2019). Na parte mais expressiva dos casos, os resultados desse procedimento são consistentes, embora não tenha sido possível recuperar a área de 8% dos pesquisadores.
- 5 Para uma análise comparada entre as áreas de Pensamento Social no Brasil e de História Intelectual na Argentina, com o intuito de divisar suas interseções e principais diferenças, *cf.* Botelho (2015).
- 6 Embora as expressões possam remeter a universos distintos, elas têm sido usadas, na prática, como termos intercambiáveis.

embora desde os últimos anos o esforço de superar esse impasse teórico-metodológico venha mobilizando pesquisadores de diferentes orientações e filiações institucionais, gerando um novo horizonte de problemas e questões. Tal polarização, aliás, não deve ser entendida rigidamente. Talvez a imagem de um campo de forças seja a mais adequada para apreendermos o leque de possibilidades analíticas disponíveis entre os “polos”. A respeito, os diversos depoimentos recolhidos por Lilia Schwarcz e André Botelho na revista *Lua Nova* (2011, n. 82) avaliam seus efeitos e propõem novos enquadramentos. De qualquer forma, veremos adiante que

essa tensão, em vez de ter sido esterilizante, promoveu um consistente debate metodológico sobre as possibilidades de equacionar texto e contexto e gerou iniciativas compartilhadas de produção intelectual.

Podemos aventar condicionantes envolvidos na conformação dessa área, exclusivamente nacional, com base em singularidades de nossa tradição intelectual, marcada pela acumulação literária remota em relação a outros países da América Latina, que favoreceria, desde o fim do Segundo Reinado, um processo incipiente de diferenciação intelectual e, em seu interior, a legitimação do ensaio histórico-sociológico como for-

**Figura 2 – Concentração institucional (instituição atual) dos pesquisadores do Grupo de Trabalho “Pensamento Social no Brasil” (frequência mínima de 2x) (Anpocs, 1983-2018).**



Fonte: Plataforma Lattes.

ma expressiva voltada à problematização do processo de formação da sociedade brasileira (JACKSON; BLANCO, 2014).

Se é verdade que qualquer processo de mudança social depende de formas culturais pelas quais a sociedade se autodescreve (LUHMANN, 1998), no caso brasileiro, o ensaísmo se configurou — e ainda se configura — como um recurso crucial para a criatividade teórica das ciências sociais aqui praticadas e meio expressivo por meio do qual os diversos grupos sociais articulam e vocalizam seus interesses materiais e ideais (BOTELHO, 2015). Embora a forma ensaio seja recorrente em outros países da região, talvez sua escala e importância não tenham força comparável a que adquiriu no Brasil, propriedade que ajudaria a compreender a necessidade constante de revisão dessa linhagem específica de produção intelectual para o desenvolvimento de nossas ciências sociais<sup>7</sup>.

A origem remota do PSB como especialidade acadêmica pode ser buscada, então, no interior do processo de constituição da sociologia, da antropologia e da ciência política no Brasil, que sempre envolveu uma dimensão reflexiva, revelada no esforço de traçar uma história dessas disciplinas emergentes com base em sua relação com as tradições intelectuais anteriores — como pode ser visto, por exemplo, nos diversos balanços produzidos pelas gerações pioneiras tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro (LEITE, 2014).

Outro momento decisivo seria a virada para os anos 1970, com a expansão das ciências sociais e a criação de novas instituições de ensino e pesquisa de graduação e pós-gra-

duação que suscitaram nova avaliação sobre essa história intelectual. No Rio de Janeiro, no contexto de criação do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Wanderley Guilherme dos Santos (1967; 1970) formulou um programa de pesquisa (LYNCH, 2017) que manifestava a necessidade de se realizar uma revisão sistemática do pensamento político brasileiro. Em São Paulo, mais ou menos simultaneamente, Octavio Ianni (1971; 1989), no refluxo das aposentadorias compulsórias ocorridas na Universidade de São Paulo (USP), pelas quais foi atingido, abriu uma vertente de investigação, primeiro na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e em seguida na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que ele nomeou “sociologia da sociologia” e que envolvia a discussão do potencial heurístico dos pensamentos brasileiro e latino-americano no âmbito do ciclo político autoritário.

Durante a década de 1970, diversos trabalhos importantes sobre intelectuais brasileiros, depois reivindicados como referências centrais pelos pesquisadores da área, vieram à tona, unificados pela preocupação de fundo, então generalizada, de perscrutar as possibilidades de redemocratização do país, que tornaria o “Estado” objeto de intersecção das pesquisas realizadas. Nesse contexto, a especialização em curso, condicionada pela expansão das ciências sociais, teria como contrapeso a imantação política e o consequente caráter abrangente das análises propostas, como se pode verificar em livros, tais como *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*, de Carlos Guilherme Mota (1977); *Iseb: fábrica de ideologias*, de Caio Navarro de Tole-

---

7 Aliás, as relações entre o ensaísmo e as ciências sociais têm sido objeto constante de reflexão de pesquisadores da área nas últimas décadas (ARRUDA, 2002; BASTOS, 1998; BOTELHO, 2007; BRANDÃO, 2007; JACKSON, 2002; LIMA, 1999).

do (1977); *Ordem burguesa e liberalismo político*, de Wanderley Guilherme dos Santos (1978); *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*, de Sergio Miceli (1979); *Formação da comunidade científica no Brasil*, de Simon Schwartzman (1979); *A construção da ordem*, de José Murilo de Carvalho (1980); *A universidade da comunhão paulista*, de Irene Cardoso (1982); e *Cultura brasileira e identidade nacional*, de Renato Ortiz (1985).

A criação do GT “Pensamento Social no Brasil”, no Encontro Anual da Anpocs de 1983, é frequentemente mencionada como marco inaugural da área e, de fato, os encontros favoreceram a formação de um grupo cada vez mais ampliado de pesquisadores interessados nesse campo de problemas, além de suscitarem divisões internas em função das perspectivas de análise adotadas, dos períodos abordados, dos autores e obras selecionados como representantes principais de um cânone formado, principalmente, pelos chamados grandes intérpretes do Brasil e pelas gerações pioneiras de cientistas sociais brasileiros.

O quadro a seguir permite apreender a concorrência entre grupos temáticos afins na Anpocs de 1978 a 2002<sup>8</sup>, o êxito do GT de PSB e o movimento a que dá origem, de formação de uma área de pesquisa no interior das ciências sociais. Dos quatro grupos iniciais, o GT de PSB foi o único que conseguiu avançar para além de meados da década de 1990 até o presente. A rigor, portanto, a emergência da área de PSB derivou da fricção e da circulação entre os pesquisadores desses quatro grupos temáticos, indicando uma heterogeneidade de perspectivas teórico-metodológicas já na origem da área de pesquisa.

Em um balanço precursor sobre o GT de PSB da Anpocs, que cristalizou em larga medida a autopercepção de seus participantes, Lucia Lippi Oliveira (1999) sugeriu que o GT teria se polarizado, desde suas primeiras reuniões, entre um “grupo” do Rio de Janeiro e outro de São Paulo. Especificamente, segundo a autora, o primeiro reuniria pesquisadores associados ao projeto coletivo “História das Ciências Sociais no Brasil”, liderado por Sergio Miceli no Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo (Idesp), e seria formado por, entre outros, Maria Arminda do Nascimento Arruda, Heloísa Pontes, Fernanda Peixoto, Silvana Rubino, Lilia Schwarcz, Fernando Limongi e Maria Hermínia Tavares de Almeida; o segundo teria se concentrado inicialmente no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, contando inicialmente com Ângela de Castro Gomes, Helena Bomeny, Lucia Lippi Oliveira, Ricardo Benzaquen de Araújo e Mônica Pimenta Velloso. Devemos agregar a esse retrato, sem pretensão de exaustão, outras instituições, grupos e pesquisadores do Rio de Janeiro e de São Paulo que foram decisivos para a formação da área. No Rio, o Iuperj reuniu pesquisadores, tais como Luiz Werneck Vianna, Maria Alice Rezende de Carvalho, José Murilo de Carvalho e, mais uma vez, Ricardo Benzaquen de Araújo; a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Luiz Antonio de Castro Santos; a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Glaucia Villas Bôas, José Reginaldo Gonçalves e Maria Laura Cavalcanti; a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Nísia Trindade Lima e Marcos Chor Maio; e a Casa

---

8 Para uma análise do lugar da Anpocs na conformação dos principais debates na sociologia e na ciência política praticadas no Brasil, cf. Botelho, Ricupero e Brasil Jr. (2017).

de Rui Barbosa, Isabel Lustosa e Antonio Herculano Lopes. Em São Paulo, Elide Rugai Bastos, na Unicamp, Gildo Marçal Brandão, na USP, e Milton Lahuerta, na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), impulsionaram as pesquisas na área. Vale assinalar ainda a presença minoritária, como indica o gráfico a seguir, de pesquisadores de outros estados, tais como Heloísa Starling, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Enno Liedke Filho, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Roberto Motta e Eliane Veras, ambos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Talvez em função dessa distribuição geográfica dos pesquisadores, concentrada nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, um dos problemas principais discutidos no GT referia-se à avaliação das iniciativas institucionais e intelectuais que tiveram lugar nesses estados durante a fase de implantação das ciências sociais no Brasil. Imbricados nessa polêmica, os debates ancoraram-se, como vimos, nas diferenças entre as perspectivas analíticas adotadas, além das divergências entre as periodizações propostas, objetos etc. Outras questões discutidas nesse período inicial do GT se referiram ao estatuto e ao legado do modernismo, ao movimento folclorista, às relações entre ideias e política e ao debate intelectual em torno da saúde pública<sup>9</sup>.

De modo mais explícito, os termos da disputa entre as abordagens contextualista e textualista foram definidos a partir da provocação enunciada por Sergio Miceli (1989a; 1995) em *História das ciências sociais no Brasil*, especialmente no texto programático intitulado “Por uma sociologia das ciências sociais”. Nele, o sociólogo recusou a perspectiva tradicional da história das ideias, propondo uma “sociologia da vida intelectual no campo das ciências sociais ao invés de uma análise genética de paradigmas ou de famílias de pensamento, ou sequer de uma genealogia de matrizes temáticas, conceituais e disciplinares” (MICELI, 1989b, p. 9).

Em outra direção, ao discutir a relação entre ensaísmo e ciências sociais, Elide Rugai Bastos mobilizou a categoria de sistematização, em parte apoiada em Antonio Candido, para propor uma abordagem mais atenta ao processo de acumulação intelectual e os sentidos políticos que teriam conformado as ciências sociais no Brasil (BASTOS, 1998). Nísia Trindade Lima (1999), em *Um sertão chamado Brasil*, combateu a “matriz institucional”<sup>10</sup> em favor de uma visão sociológica que possibilitaria alcançar uma “perspectiva mais integrada para o estudo dos intelectuais e de seus textos” (LIMA, 1999, p. 21). Também Gildo Marçal Brandão (2007) manifestou, em *Linhagens do pensamento político brasileiro*, o objetivo de “discriminar na evolução política e ideológica brasileira a

---

9 A lista dos trabalhos apresentados no GT, sistematizada por Lucia Lippi Oliveira (1999), expressa a variedade de problemas e perspectivas da área.

10 Vale citar: “Uma das minhas premissas consiste em questionar a identificação de uma descontinuidade absoluta entre a formulação de argumentos sociológicos no período anterior a 1930 e aqueles que passam a se definir posteriormente, com a institucionalização universitária das ciências sociais. Em geral, os que estabelecem aquele ano como marco divisor tendem a operar com a conhecida separação entre uma fase ideológica, ou de ponto de vista, e um fase científica. Discordando desta última perspectiva, pretendo contribuir para a abordagem que vem criticando a ênfase unilateral no processo de institucionalização das ciências sociais no Brasil, chamando a atenção para a importância de investigar o conteúdo do pensamento dos autores nos diferentes períodos, e suas hipóteses para explicar a formação social e cultural brasileira” (LIMA, 1999, p. 17-18).

existência de certos estilos de pensamento, de formas de pensar persistentes no tempo ou de determinados modos intelectuais de se relacionar com a realidade” (BRANDÃO, 2007, p. 36), ou seja, o de reconhecer analiticamente “famílias intelectuais”, preferindo a abordagem da sociologia dos intelectuais<sup>11</sup>.

A reivindicação mais enfática do PSB como uma área de pesquisa, entretanto, deu-se, aproximadamente, entre as décadas de 1990 e 2000, com a emergência de novas gerações de pesquisadores, já mais especializados. Boa parte dos membros dessas gerações legitimou-se — embora não exclusivamente — como intérprete especializado de algum autor ou autora, inspirados nos trabalhos precursores de Elide Rugai Bastos, Maria Arminda do Nascimento Arruda, Ricardo Benzaquen de Araújo, entre outros, sinalizando um interesse mais geral de discutir o cânone e escrutinar seus nomes mais representativos, o que também se associou à expansão mais recente de disciplinas de graduação e de pós-graduação sobre o pensamento brasileiro<sup>12</sup>.

Incluindo autoras e autores que se doutoraram entre 1999 e 2006, essa tendência se manifestou nos trabalhos de André Botelho (2002; 2005; 2012), Pedro Meira Monteiro (1999; 2004), Simone Meucci (2011;

2015), Alexandre Trindade (2011) (orientados por Elide Rugai Bastos na Unicamp), Bernardo Ricupero (2000; 2004), Gabriela Nunes Ferreira (1999; 2006), Vera Cepêda (2004) (orientados por Gildo Marçal Brandão na USP), Robert Wegner (2000), Carmen Felgueiras (1999) (orientados por Ricardo Benzaquen de Araújo no IUPERJ), Angela Alonso (2002; 2007 2015) (orientada por Bráslcio Sallum na USP) e Luiz Carlos Jackson (2002) (orientado por Maria Célia Paoli na USP), entre outros. Essa constatação não implica que tais pesquisadores tenham se restringido a esse recorte, pois as abordagens ultrapassaram frequentemente o interesse exclusivo por algum intérprete, perscrutando questões, tais como a relação entre intelectuais e política, a formação do Estado, o processo de institucionalização das ciências sociais, a interface com a literatura e o modernismo etc. No entanto, tal fator comum conferiu certa unidade aos trabalhos desses pesquisadores e associou-se, direta ou indiretamente, com o adensamento da área. Tal processo se expressou diretamente no livro *Um enigma chamado Brasil*, organizado por André Botelho e Lília Schwarcz (2009), que reúne interpretações sintéticas de especialistas da área sobre as trajetórias e as obras dos principais autores do cânone.

11 Cabe citar: “Posta a questão desta maneira, fica claro que o caminho escolhido não poderia ser o da biografia, fosse ela escrita em chave psicológica ou intelectual; nem o da sociologia, seja a dos intelectuais ou a de suas instituições; nem o da história das mentalidades, com o seu enfoque nas atitudes, comportamento e representações coletivas inconscientes. Do ângulo que aqui nos interessa, a chave do problema não está em saber se o autor X ou Y era burguês de nascença, *parvenu* ou membro da oligarquia decadente em busca de reclassificação social, pois embora isso tenha que ser levado em conta, não explica por si só uma estrutura teórica, uma obra de arte ou um problema científico; na verdade, não cabe explicar a qualidade ou a especificidade de um pensamento político ou produto literário pela evocação da ‘origem de classe’ de seu autor. E ampliando, em nenhum momento a produção intelectual será lida como reflexo ideológico de grupo social preexistente — como se pudesse existir uma ‘classe’, historicamente identificável pelo lugar que ocupa no processo de produção, e depois a sua ‘consciência’ ou a sua ‘visão de mundo’” (BRANDÃO, 2007, p. 40-41).

12 Os trabalhos em curso pela equipe da BVPS envolvem também o mapeamento sistemático das ementas e dos programas de curso da área de PSB, registrando sua difusão pelas principais instituições de ciências sociais no país e sua importância no processo de socialização intelectual dos praticantes dessas disciplinas. Cf. Meucci e Carvalho (2018).



As gerações mais recentes deram sequência a esse processo de especialização, beneficiando-se da acumulação na área e da maior consciência dos instrumentos de análise e dos materiais empíricos disponíveis. Isso talvez se relacione com um padrão mais heterogêneo na escolha dos objetos e dos materiais de pesquisa, implicando uma abertura temática e teórica mais pronunciada. Além disso, o esforço de ultrapassar a disjuntiva texto/contexto mobilizou os diversos trabalhos realizados, que exploraram, de diferentes modos, os seguintes problemas: a comparação entre casos nacionais; os circuitos transnacionais; os marcadores de gênero, raça, classe e região na organização da vida intelectual; os efeitos sociais das ideias; e o potencial heurístico do pensamento brasileiro para a teoria social. Isso pode ser notado nos trabalhos, por exemplo, de Carolina Pulici (2008) (orientada por Brasílio Sallum Jr. na USP), Eduardo Dimitrov (2011) (orientado por Lilia Schwarz na USP), Wagner Romão (2006) (orientado por Irene Cardoso na USP), João Marcelo Ehlert Maia (2008) (orientado por Maria Alice Rezende de Carvalho no IUPERJ), Antonio Brasil Jr. (2013), Maurício Hoelz (2015), Andre Bittencourt (2013), Lucas Carvalho (2015) (orientados por André Botelho na UFRJ), Mario Medeiros da Silva (2013), Mariana Chaguri (2009) (orientados por Elide Rugai Bastos na Unicamp), Dimitri Pinheiro da Silva (2015) (orientado por Luiz Carlos Jackson na USP), Lidiane Rodrigues (2011) (orientada por Ulysses Guariba na USP), Andre Kaysel (2012) (orientado por Bernardo Ricupero na USP), Rodrigo Ramassote (2013) (orientado por Heloísa Pontes na Unicamp), Aline Marinho Lopes (2012) (orientada por Gláucia Villas Bôas na UFRJ), Fernando Perlatto (2016) e Felipe Maia (2014) (orientados por

Luiz Werneck Vianna no Instituto de Estudos Sociais e Políticos — Iesp — da UERJ).

Mais uma vez, não se trata de ignorar a diversidade interna desses trabalhos, nem de afirmar que eles não tenham se debruçado sobre outras questões de pesquisa — e tampouco de criar uma lista exaustiva das contribuições dessa “nova geração”. Antes, queremos registrar alguns problemas teóricos, metodológicos e empíricos mais amplos que deram sequência ao processo de especialização em curso, constitutivamente heterogêneo e plural.

Problemas esses que foram enfrentados — de modos muito distintos, mas em escala coletiva e interinstitucional — especialmente por dois importantes projetos temáticos apoiados pela Fapesp. O primeiro, coordenado por Gildo Marçal Brandão e Elide Rugai Bastos entre 2008 e 2012, intitulado “Linhagens de pensamento político e social brasileiro”, resultou nos vários volumes da coleção “Pensamento Político-Social”, dirigida por Elide Rugai Bastos, André Botelho e Gabriela Nunes Ferreira. O livro *Revisão do pensamento conservador* (FERREIRA; BOTELHO, 2011), organizado pelos dois últimos, reuniu parte das pesquisas ligadas ao projeto com o intuito de oferecer uma visão de conjunto das diferentes configurações assumidas pelo pensamento conservador em distintos contextos sócio-históricos, reconhecendo-o ainda como força político-social atuante no desenho das instituições sociais, na conformação da cultura política e na reprodução das desigualdades sociais (FERREIRA; BOTELHO, 2011).

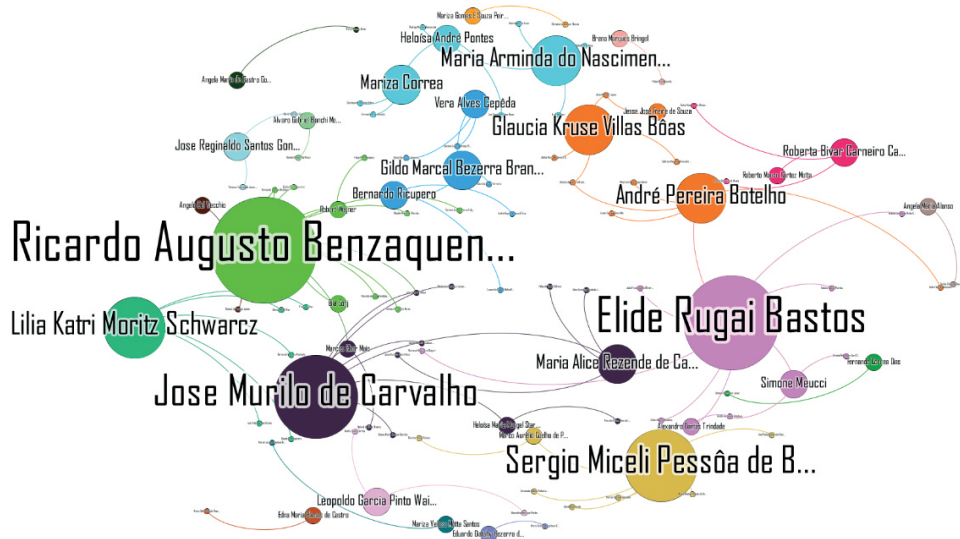
O outro projeto temático, coordenado por Sergio Miceli entre 2009 e 2013 e intitulado “Formação do campo intelectual e da indústria cultural no Brasil contemporâneo”, resultou no livro *Cultura e sociedade: Brasil e Argentina* (2014), organizado por Sergio Mi-

celi e Heloisa Pontes. Enfrentando temas, tais como literatura, teatro, jornalismo, teledramaturgia e ciências sociais, a equipe buscou salientar “fluxos de linguagens, de ideias, de modelos expressivos, de obras e autores, entre os diversos nichos do gradiente entre ‘baixa’ e ‘alta’ cultura” (MICELI; PONTES, 2014, p. 10), desfazendo a fronteira rígida geralmente postulada entre cultura erudita e indústria cultural. Nesses dois projetos, além da discussão relativa às possibilidades analíticas e de investigação empírica de distintos fenômenos culturais e intelectuais no Brasil e em perspectiva comparada, realizou-se igualmente uma importante integração das várias gerações que vêm constituindo a área de pesquisa.

Trata-se mesmo de uma marca forte da área de PSB o entrelaçamento de suas várias gerações, fenômeno presente em seus diversos encontros e, particularmente, nas sucessivas edições do GT da Anpocs. Por meio da

exploração dos dados disponíveis na Plataforma Acácia (DAMACENO *et al.*, 2019), foi possível modelar uma rede das relações de orientação (mestrado, doutorado e pós-doutorado) entre todos os 185 participantes do GT entre 1983 e 2018 (Figura 3). É digno de nota que 58% dos que participaram do grupo tiveram pelo menos uma relação de orientação (como orientador ou orientando) no interior do conjunto formado pelos membros do GT. Destacam-se no papel de formar pesquisadores para a área os nomes de Ricardo Benzaquen de Araújo (nove orientações), Elide Rugai Bastos (oito), José Murilo de Carvalho (sete) e Sergio Miceli (seis), conforme podemos observar na rede a seguir. O tamanho dos nós se refere ao número de orientações realizadas; quando os pesquisadores estão na mesma cor, isso expressa algum grau de compartilhamento (direto ou indireto) de orientandos.

**Figura 3 – Grafo de orientações entre os participantes do Grupo de Trabalho da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Visualização: Gephi 0.9.2.**



Fonte: Plataforma Acácia, disponível em <<http://plataforma-acacia.org/>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

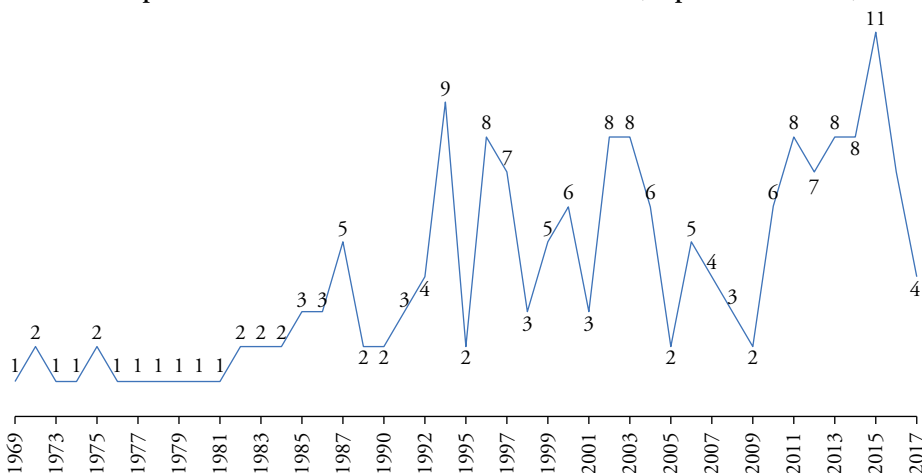
Já no gráfico seguinte (Figura 4), cujas informações foram extraídas a partir dos participantes do GT da Anpocs, percebemos o fluxo das gerações — definidas pelos anos da última titulação dos pesquisadores, ou seja, em sua maioria pelo ano de doutoramento — que conformaram a área. *Grosso modo*, despontam quatro gerações principais, desde a dos precursores que se doutoraram até os anos 1980. As gerações dos que se doutoraram nos anos 1990 e 2000, como vimos anteriormente, foram as que reivindicaram mais explicitamente o PSB como uma especialidade interdisciplinar nas ciências sociais. Já a geração daqueles que se doutoraram na década de 2010 vem se empenhando em sua expansão e renovação.

As pesquisas realizadas por essas gerações conformaram um acervo de trabalhos abrangente e muito consistente, materializado, principalmente, em livros e artigos. Se tal estoque, continuamente ampliado nos

últimos anos, expressa a força da área, representa, também, pela sensação possível de saturação, uma dificuldade nada desprezível aos que nela ingressam ou concentram esforços de pesquisa. Vale lembrar que, nessas condições, impugnações recorrentes à área, de não ser propriamente “científica” e de alhear-se de problemas concretos da sociedade brasileira contemporânea, voltam à baila com frequência. Além disso, as disputas internas à área tendem agora, sob a pressão do recente avanço da diferenciação disciplinar e de novas perspectivas analíticas, a ganhar forma de concorrência entre áreas.

Nesse sentido, nota-se uma tensão cuja origem está na identificação disciplinar com a sociologia, a antropologia ou a ciência política. Se houve tendência à interdisciplinaridade nas primeiras décadas do GT, há agora um refluxo desse movimento. Assim, não se pode negligenciar os constrangimentos específicos que cada disciplina impõe aos

**Figura 4 – Quantidade de titulações (maior titulação) por ano dos pesquisadores do Grupo de Trabalho “Pensamento Social no Brasil” (Anpocs, 1983-2018).**



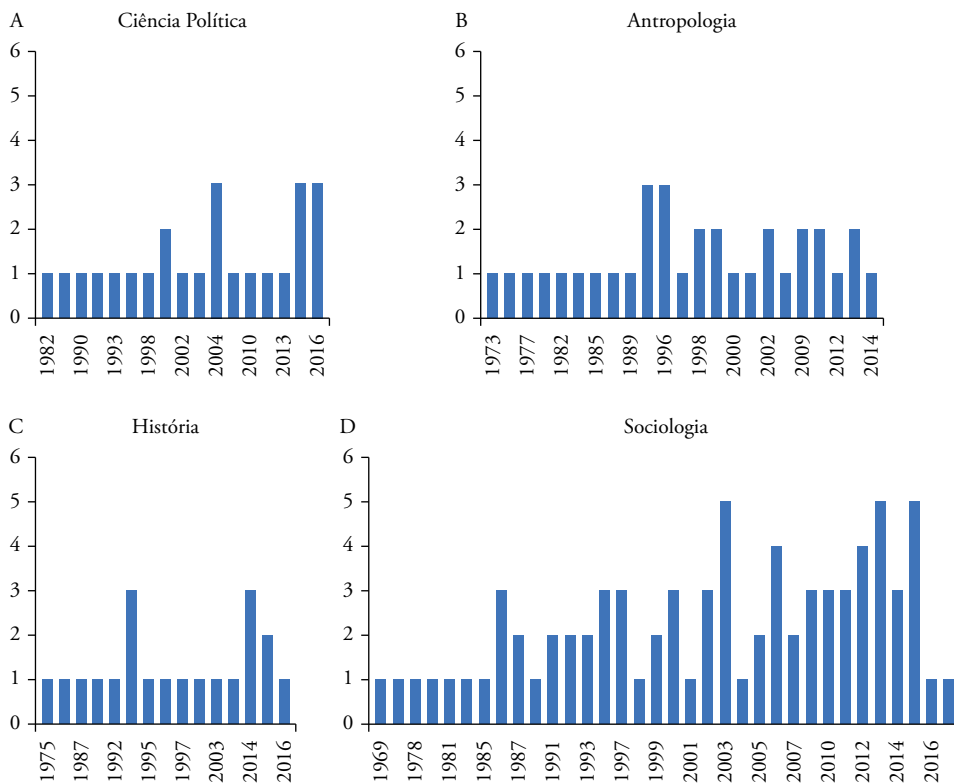
Fonte: Cadernos de Resumos dos Encontros Anuais da Anpocs. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/encontros-antiores>>. Acesso em: 5 nov. 2017.

que concentram seus interesses de pesquisa no PSB. No caso da ciência política, tanto o grupo nucleado pelos orientandos de Gil- do Marçal Brandão como pesquisadores de outros centros, tais como Milton Lahuerta (Unesp/Araraquara) e Christian Lynch (Iesp-UERJ), reivindicam (com maior ou menor força) certa especificidade aos seus trabalhos, identificados como “pensamento político brasileiro”, em relação ao “pensamento social”, como se pode perceber especialmente no balanço recente publicado por Lynch (2016). Também na antropologia,

podemos vislumbrar um movimento análogo, desde os trabalhos pioneiros de Mariza Correa (2013) e Mariza Peirano (1992), e em textos mais recentes de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (2012), Heloísa Pontes (2011), Fernanda Peixoto (2015) e Lilia Schwarcz (2017), por exemplo, que manifestam um interesse mais específico por uma abordagem antropológica acerca das ciências sociais, da literatura, do teatro e de outras formas culturais.

Os gráficos a seguir (Figura 5), constituídos a partir dos dados relativos ao GT de

**Figura 5 – Quantidade de titulações (maior titulação) por ano e disciplina dos pesquisadores do Grupo de Trabalho “Pensamento Social no Brasil” (Anpocs, 1983-2018).**



Fonte: Cadernos de Resumos dos Encontros Anuais da Anpocs. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/encontros-antiores>>. Acesso em: 5 nov. 2017.

PSB na Anpocs, indicam que, progressivamente, a área vem deixando de ser interdisciplinar para se constituir como uma área com o predomínio mais evidente da sociologia. Vemos que os picos de formação por disciplina indicam que a renovação geracional da área passa sobretudo pelos sociólogos, que concentram a maior quantidade de pesquisadores que tiveram sua última titulação de 2003 em diante. Outro bom indicador é o número de pesquisadores formados nos últimos dez anos, isto é, desde 2010: sociologia, 25; ciência política, nove; antropologia, seis; história, seis. Dito de outro modo, se a sociologia sempre foi a disciplina com o maior número de participantes no GT (ver Figura 1), nos últimos anos, a tendência evidenciada pelos dados coligidos é o de reforço dessa concentração disciplinar.

Em relação à sensação de esgotamento da área, os contextos principais de produção intelectual, as linhagens axiais, os autores e livros mais consagrados foram já bastante estudados nas últimas décadas e o retorno a eles, apesar de necessário, implica o desafio nada fácil de tensionar linhas de interpretação estabelecidas.

No entanto, estamos longe da saturação propriamente dita e são diversas as alternativas de renovar a produção da área. Algumas possibilidades passam, por exemplo, pela exploração de fontes primárias antes de difícil acesso e hoje acessíveis ao pesquisador na tela do computador, pelo interesse criativo por autores e autoras tidos como “menores”, pela

exploração de obras menos conhecidas, pela reconstrução de contextos mais recentes, pela análise orientada por processos políticos contemporâneos (feminismo, movimento negro etc.).

Quanto aos efeitos gerados pela especialização, eles talvez sejam uma ameaça mais séria na luta constante por legitimação, da qual toda área de pesquisa depende para se manter dominante. De fato, a força da área de PSB foi sempre caudatária de sua pluralidade, do diálogo produtivo entre pesquisadores de disciplinas afins e da fricção entre perspectivas analíticas distintas. Nessa direção, sugerimos que as dissensões internas, longe de ameaçarem a área, poderiam reforçá-la, contrabalançando a diferenciação em curso. Vale ponderar que, ao nos limitarmos a um único GT, não obstante sua centralidade nas formas de organização e de auto-observação do PSB, estamos introduzindo um viés importante na análise, na medida em que o predomínio disciplinar recente da sociologia pode também ter a ver com o reforço, nos últimos anos, das particularidades e diferenças da ciência política e da antropologia no interior das ciências sociais.

Um trabalho ainda a ser feito é o de mapear a presença de GTs de PSB e afins nos encontros disciplinares e interdisciplinares da antropologia, da ciência política e mesmo da história, no intuito de delinear o real volume, a densidade e a dispersão dos praticantes dessa especialidade hoje<sup>13</sup>. Outra direção

---

13 Os trabalhos em curso na BVPS indicam que o tamanho da área é mais vasto que o número de participantes do GT da Anpocs. Em levantamento experimental feito em fim de março, em parceria com o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) por meio da exploração da base de currículos Lattes, identificamos 1.312 pesquisadores com o termo “pensamento social” em sua produção intelectual; 746 com os termos “pensamento social brasileiro” ou “pensamento social no Brasil”; e 514 com as palavras-chave “pensamento social brasileiro” ou “pensamento social no Brasil” ou que tenham ido ao GT de PSB da Anpocs ou da SBS. Lembrando que nossa análise aqui se limita aos 185 pesquisadores que tenham participado (pelo menos uma vez) ou coordenado o GT da Anpocs, isto é, uma parcela reduzida de um universo mais amplo, descentrado e heterogêneo de praticantes.

que poderia ser explorada, mas que ultrapassa o escopo deste texto, seria averiguar em que medida a interdisciplinaridade foi de fato mitigada ou se, não obstante o peso crescente da sociologia na área, o diálogo com as demais ciências sociais, a história e a literatura permaneceria atuante em sua produção intelectual recente.

Em conexão com o Quadro 1, o Quadro 2 exprime a concorrência atual entre grupos temáticos na Anpocs, revelando os desafios da área no presente<sup>14</sup>.

## **A construção coletiva da área de Pensamento Social no Brasil**

O crescimento da produção intelectual da área de PSB já foi mensurado em trabalhos recentes (BOTELHO, 2015; JACKSON; BARBOSA, 2017). Tais levantamentos, entretanto, tomaram como referência o conjunto da produção individual dos pesquisadores da área, sobretudo de seus artigos em revistas científicas indexadas, mas também de livros, o que indicaria seu adensamento e sua expansão.

### **Quadro 1 – Grupos de Trabalho afins na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (1978-1996).**

Elites Políticas (1978 a 1989, 1991, 1992 e 1994 a 1996)
Cultura Popular e Ideologia Política (1979 a 1984)
Sociologia da Cultura Brasileira (1979 a 1989, 1991, 1992, 1994 a 1996)
<b>Pensamento Social no Brasil</b> (1983 a 1989, 1991, 1992, 1994 a 1996, 1998 a 2000, 2002, 2003, 2005, 2006, 2008, 2009, 2011, 2012, 2014, 2015)

Fonte: Anpocs (2016).

### **Quadro 2 – Grupos de Trabalho afins na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (2005-2015).**

<b>Pensamento Social no Brasil</b> (1983 a 1989, 1991, 1992, 1994 a 1996, 1998 a 2000, 2002, 2003, 2005, 2006, 2008, 2009, 2011, 2012, 2014, 2015)
Dilemas da modernização periférica (2005, 2006, 2008, 2009)
Teoria Política: para além da democracia liberal? (2008, 2009)
Teoria política e pensamento político brasileiro: normatividade e história (2011, 2012, 2014, 2015)
Pensamento social latino-americano (2011, 2012)
O Pensamento Social Latino-americano: legado e desafios contemporâneos (2014, 2015)
Intelectuais, cultura e democracia (2014, 2015)

Fonte: Anpocs (2016).

<sup>14</sup> Se considerarmos igualmente a dinâmica mais recente perceptível na SBS, por meio dos GTs aprovados para a edição de 2019 de seu congresso, vemos a diferenciação acentuada de grupos afins ou com interseções evidentes com o PSB: Ensino de Sociologia, Sociologia da Arte, Literatura e Ciências Sociais, Sociologia da Cultura, Estudos Culturais e Epistemologias Outras, Sociologia Histórica: rumos e diálogos atuais e Sociologia da Sociologia nos contextos global e nacional.

Entretanto, a constituição de uma área não resulta apenas da somatória das produções individuais. Esse processo depende também da construção de redes de pesquisadores e de empreendimentos compartilhados. Os dados que mobilizaremos a seguir visam, então, apreender essa dimensão propriamente coletiva do funcionamento da área. Nessa direção, tomaremos como referência alguns dos principais materiais que são, ao mesmo tempo, produtores e produtos de relações entre pesquisadores, grupos e instituições. São eles os livros em coautoria e os livros coletivos.

A escolha desse material implica algumas dificuldades operacionais para seu tratamento e análise, o que ocorre em razão da inexistência de grandes bases indexadoras que permitam a exportação de metadados estruturados das principais propriedades dos livros — tais como autoria, resumo, referências bibliográficas, ano etc. —, à maneira do que existe atualmente para os artigos científicos. Tal óbice, obviamente, revela-se uma limitação à análise de qualquer área das ciências humanas, que tomam o livro como instância decisiva (e de maior prestígio) para a comunicação dos seus resultados de pesquisa e, portanto, de auto-observação, a despeito da tendência mais recente — e altamente estimulada pelas políticas científicas nacionais — de predomínio do artigo científico.

Além dessa dificuldade inicial, relativa à natureza do material que queremos explorar, soma-se o problema das dificuldades intrínsecas de se recortar uma área de pesquisa interdisciplinar — questão realçada em vários de seus balanços — e que, de fato, organiza-se reunindo pesquisadores de diferentes disciplinas, especialmente sociologia, ciência política, antropologia e história. Essa situação torna a definição de qualquer vocabulário controlado, tais como descritores ou conjuntos de palavras-chave, bastante

precária, dificultando a possibilidade de um recorte da produção em livros da área que seja minimamente consensual (*cf.* BRASIL JR.; CARVALHO, 2017).

Tendo em vista tais problemas, preferimos adotar um critério de recorte que privilegia aquele que, em certo sentido, é o instrumento mais central de auto-observação dessa área de pesquisa: os livros em coautoria e os livros coletivos que contaram com a participação (organizadores e/ou autores) de pesquisadores que estiveram pelo menos uma vez no GT “Pensamento Social no Brasil” da Anpocs. Embora esse critério não esteja isento de problemas — afinal, nem todo pesquisador que frequenta o GT da Anpocs se identifica com a área de pesquisa, ou sua identificação não é estável ou admite uma adesão integral —, isso pelo menos nos permite encontrar uma população razoável de pesquisadores — e itens de produção intelectual a ela associada — que interagiu com o principal eixo de organização da área de pesquisa. Aqui, nós trabalharemos com um universo de 185 pesquisadores, cuja descrição em termos institucionais, disciplinares e geracionais já foi caracterizada na seção anterior.

#### *Livros (em coautoria e coletivos)*

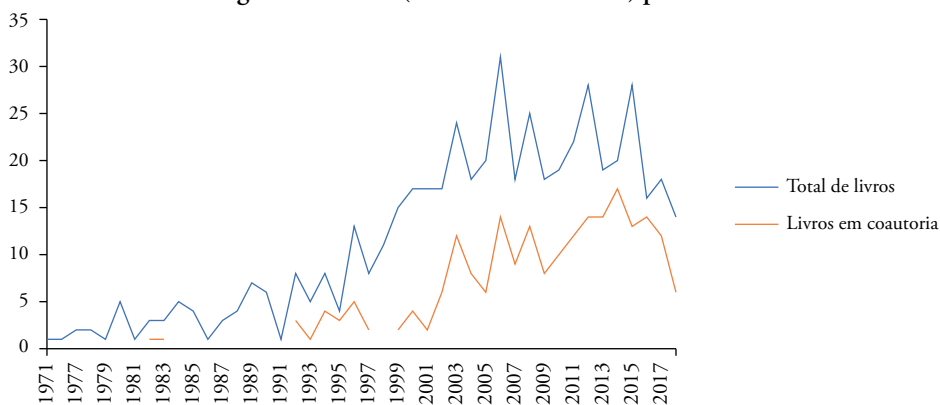
A população selecionada de 185 pesquisadores gerou inicialmente uma lista de 1.260 livros, extraída em novembro de 2018 a partir do *software* ScriptLattes, ferramenta que organiza e possibilita a análise das produções listadas na Base Lattes de currículos (MENA-CHALCO; CESAR JUNIOR, 2009). Fizemos uma série de limpezas nos dados, tais como: eliminação das repetições, retirada de outras publicações erroneamente inseridas como publicação em livro (especialmente a organização de dossiês em revistas científicas) e a exclusão de edições sucessivas ou traduzidas de uma mesma obra.

Com isso, geramos uma listagem única de livros publicados desse universo de 185 pesquisadores, com o total de 984 livros diferentes. Após nova limpeza dos dados, a fim de se retirar os livros que não pertenciam de modo claro à área de PSB — um procedimento feito manualmente e, no limite, algo arbitrário —, encontramos 511 livros, distribuídos entre 1971 e 2018 e que revelam uma dinâmica pronunciada de crescimento a partir de meados dos anos 1990. Ainda, é possível medir o grau de colaboração entre os pesquisadores da área a partir da contagem dos livros que tenham alguma relação de coautoria, tal como expresso no gráfico a seguir. Dos 511 livros localizados, 221 — ou 43,2% — possuem mais de um autor (Figura 6).

Acrescentando ao gráfico anterior a contagem de livros publicados por ano e por estado (estado da editora), encontramos um cenário também de concentração das edições no eixo Rio-São Paulo, mas com presenças crescentes dos estados de Minas Gerais e Paraná e também do Distrito Federal, de 2000 até o presente (Figura 7).

A partir dos títulos desses 511 livros, podemos usar de modo experimental algumas técnicas de processamento de linguagem natural e identificar alguns padrões no *corpus* textual gerado por seus livros<sup>15</sup>. No que se refere aos termos mais recorrentes, podemos perceber, na *nuvem de termos* a seguir (Figura 8), a expressiva recorrência de marcadores geográficos, tais como “Bra-

Figura 6 – Livros (e livros em coautoria) por ano.

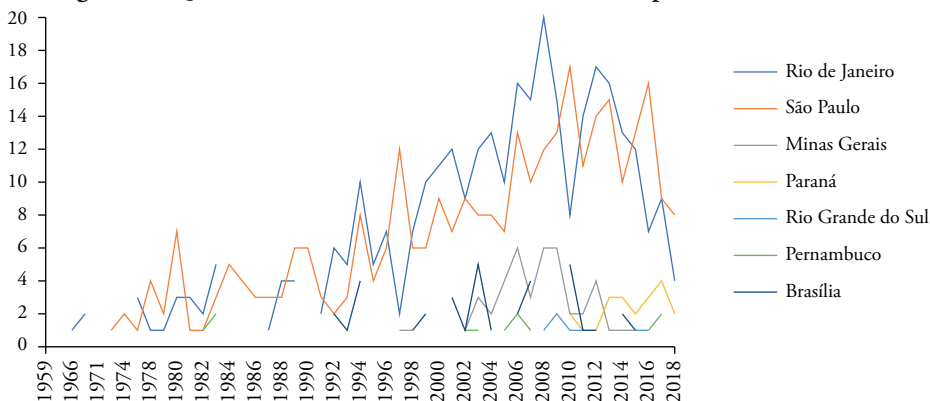


Fonte: Cadernos de Resumos dos Encontros Anuais da Anpocs. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/encontros-antiores>>. Acesso em: 5 nov. 2017; e Plataforma Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 14 jan. 2019.

15 Para a análise do *corpus* textual formado pelos títulos dos livros do PSB, foi utilizado o *software* Iramuteq, que opera no ambiente estatístico do *software* R e na linguagem *python*. “Nas análises lexicais clássicas, o programa identifica e reformata as unidades de texto, transformando *Unidades de Contexto Iniciais* (UCI) em *Unidades de Contexto Elementares* (UCE); identifica a quantidade de palavras, frequência média e número de *hapax* (palavras com frequência um); pesquisa o vocabulário e reduz das palavras com base em suas raízes (lematização); cria dicionário de formas reduzidas, identifica formas ativas e suplementares. Na *análise de especificidades*, é possível associar diretamente os textos do banco de dados com variáveis descritoras dos seus produtores; é possível analisar a produção textual em função das variáveis de caracterização. Trata-se de uma análise de contrastes, na qual o *corpus* é dividido em função de uma variável escolhida pelo pesquisador” (CAMARGO; JUSTO, 2013, p. 515).



Figura 7 – Quantidade de livros e de livros em coautoria por ano (1971-2018).



Fonte: Cadernos de Resumos dos Encontros Anuais da Anpocs. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/encontros-anteriores>>. Acesso em: 5 nov. 2017; e Plataforma Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

Figura 8 – Nuvem de termos mais frequentes nos títulos de 511 livros da área de Pensamento Social no Brasil.



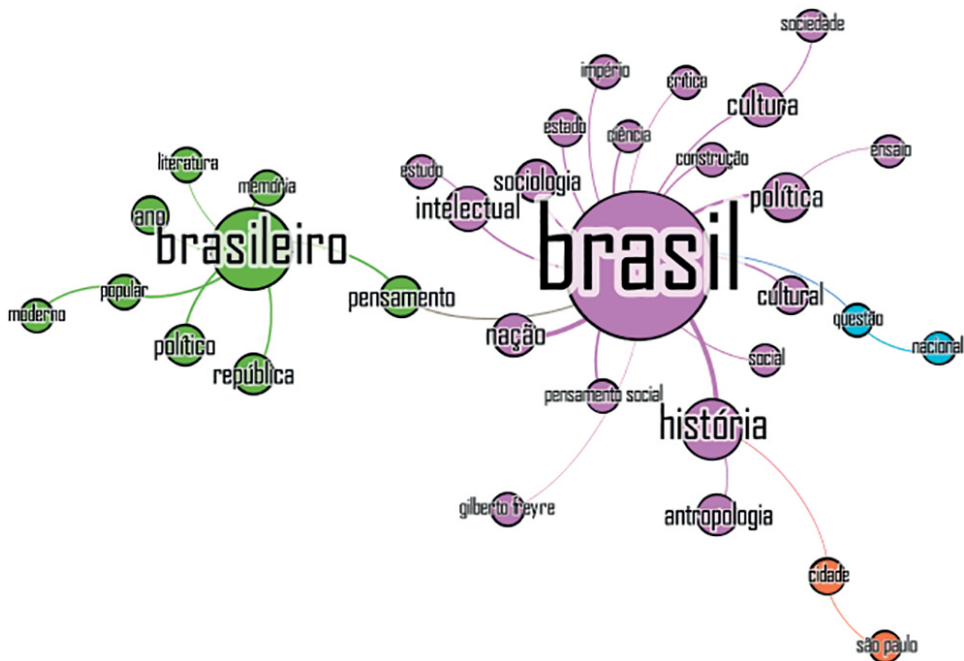
Fonte: Plataforma Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

sil” (120 ocorrências) e “brasileiro” (58), que se situam no centro da imagem, seguido dos termos “história” (38), “política” (25), “intelectual” (22), “cultura” (20), “nação” (20), “sociologia” (20), “antropologia” (19), “político” (19) e “pensamento” (18). Embora os resultados não tragam novidades expressivas para a auto-observação corrente da área, vemos que o vocabulário expressa um nexos semântico que mobiliza fortemente três conceitos-chave — intelectual, cultura e nação — e alguns marcadores disciplinares das ciências sociais.

Outra forma de visualizar os principais termos presentes nos títulos dos livros é criar uma rede de suas associações mais relevantes. Na Figura 9, o tamanho dos nós

representa a frequência dos termos (estão incluídos aqui os 33 que possuem um mínimo de dez ocorrências) e as arestas, as suas ligações no *corpus* textual selecionado (quanto maior a espessura, maior a força da ligação). Vemos a relevância do termo “pensamento”, que se liga a “Brasil” e a “brasileiro” (termos que reúnem distintas comunidades de palavras), e “história”, que faz a mediação entre “antropologia” e “Brasil”. Ainda, percebemos que os termos mais ligados à sociologia se reúnem em torno do substantivo “Brasil”, ao passo que “político” se associa mais fortemente a “brasileiro”. Não por acaso, “pensamento social no Brasil” e “pensamento político brasileiro” nomeiam distintos GTs na Anpocs que, em que pese seus temas

Figura 9 – Rede de termos (frequência mínima de 10x) nos títulos de 511 livros da área de Pensamento Social no Brasil. Visualização: Iramuteq 0.7 e Gephi 0.9.2.



Fonte: Plataforma Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 14 jan. 2019.

e objetos compartilhados, reúnem distintas perspectivas analíticas.

Agora, em vez de considerarmos o *corpus* textual formado pelos títulos dos livros apenas de forma sincrônica, procuramos

observar como os termos mais frequentes (mínimo de dez ocorrências) se distribuem por recortes temporais.

Na Tabela 1, ao lado do número de ocorrências de cada termo para todo o período

**Tabela 1 – Correspondências dos principais termos (frequência mínima de 10x) em quatro períodos selecionados (data de publicação dos livros). Visualização: Iramuteq 0.7.**

Termo	Frequência	X.1971.1989	X.1990.1999	X.2000.2009	X.2010.2018
memória	13	0,205	-0,8733	-0,6241	1,4141
social	10	-0,3258	-0,2416	-0,5593	1,0771
questão	10	-0,3258	0,3699	-0,9836	1,0771
nação	20	-0,657	0,2534	-0,5778	0,989
pensamento social	11	-0,3587	-0,7377	0,2294	0,8762
Literatura	12	-0,3916	-0,8054	0,3395	0,715
Cultura	20	0,7769	-0,3545	-0,8647	0,6778
Sociologia	20	-0,657	-0,3545	0,2458	0,6778
Ensaio	10	-0,3258	0,3699	-0,5593	0,6403
Estudo	11	0,2502	-0,2823	-0,3868	0,5102
Ciência	11	-0,3587	0,708	-0,7012	0,5102
Brasil	120	-0,3038	0,8032	-0,7923	0,4296
Construção	12	0,2261	0,2787	-0,5002	0,4069
Sociedade	10	-0,3258	0,3699	-0,2853	0,3338
História	38	0,2801	-0,4555	0,3794	0,251
Popular	12	-0,3916	-0,3246	0,6084	-0,216
Cultural	15	0,5328	1,316	-1,3525	-0,2276
Crítica	10	-0,3258	-0,2416	0,6045	-0,2705
São Paulo	10	0,8042	-0,2416	-0,2853	-0,2705
Intelectual	22	0,3204	-0,209	0,263	-0,2957
Império	11	0,7366	-0,2823	0,2294	-0,3487
República	18	0,4258	-0,6045	0,629	-0,419
Política	25	0,2607	1,778	-0,8504	-0,4765
Antropologia	19	-0,2231	0,2831	0,5096	-0,4938
Brasileiro	58	0,3929	-0,8592	1,017	-0,5968
Cidade	14	-0,4576	0,2119	0,9653	-0,6242

Continua...

Tabela 1 – Continuação.

Termo	Frequência	X.1971.1989	X.1990.1999	X.2000.2009	X.2010.2018
Nacional	11	0,7366	0,3206	0,2294	-0,6687
Moderno	11	-0,3587	-0,2823	1,2587	-0,6687
Gilberto Freyre	11	0,7366	-0,2823	0,4535	-0,6687
Ano	15	-0,1507	-0,4596	1,1636	-0,7274
Estado	14	0,5758	-0,9413	1,4272	-1,0376
Político	19	0,826	0,2831	0,5096	-1,184

Fonte: Plataforma Lattes.

do, temos acesso ao resultado de uma análise de correspondências múltiplas<sup>16</sup>, que calcula a força de atração e de repulsão de cada termo de acordo com os *subcorpora* formados pelos seguintes períodos de publicação dos livros: 1971–1989 (43 livros), 1990–1999 (79), 2000–2010 (205) e 2010–2018 (184). Para facilitar a visualização da mudança dos termos ao longo dos anos, hierarquizamos os dados com base em sua força de atração com o último período (2010–2018) — isto é, quanto maior o valor positivo, mais associado o termo está com o conjunto de termos desse intervalo temporal; quanto maior o valor negativo, mais afastado ele se encontra.

Cumprir destacar, sobretudo, o aumento de importância dos marcadores disciplinares da sociologia, tais como “social”, “sociologia” e “sociedade”, além do próprio termo “pensamento social”. Por outro lado, registramos igualmente a repulsão, no último período, dos adjetivos “brasileiro”, “nacional” e “moderno”, bem como de alguns marcadores disciplinares da antropologia e da ciência política, o que parece reforçar o argumento proposto na seção anterior de que a sociologia, disciplina dominante no PSB, vem

reforçando progressivamente sua centralidade. No entanto, vale dizer que o crescimento dos substantivos “memória”, “nação”, “literatura” e “cultura”, por sua vez, permite matizar essa afirmação, pois talvez revelem que a maior concentração em torno do léxico da sociologia caminha lado a lado à abertura a temas e objetos de outras disciplinas. É digno de nota, ainda, a queda da frequência do nome “Gilberto Freyre” na última década, único intérprete a constar da lista de termos com frequência mínima de 10x.

Se quisermos agora descer a um nível abaixo de frequência mínima de termos — para cinco ocorrências como mínimo —, notaremos que alguns termos chamam a atenção em sua força de atração no período mais recente. Particularmente, “Amazônia” (cinco ocorrências; atração 1,2), “público” (seis; 0,88), “racial” (seis; 0,88), “literário” (seis; 0,88), “ciências sociais” (cinco; 0,58), “Mário de Andrade” (cinco; 0,58), “democracia” (cinco; 0,58), “experiência” (cinco; 0,58), “Florestan Fernandes” (cinco; 0,58) e “texto” (cinco; 0,58) são termos que se destacam do conjunto, demonstrando nova cotação dos intérpretes mais frequentes e a

16 Para uma ótima apresentação da Análise de Correspondências Múltiplas e suas aplicações potenciais nas ciências sociais, cf. Klüger (2018).



termos se ligam com maior ou menor força a cada uma das décadas. Para facilitar a leitura, os termos estão com diferentes cores, que expressam suas principais associações com cada período: vermelho (1971–1989), verde (1990–1999), azul (2000–2009) e lilás (2010–2018).

A leitura da imagem anterior ajuda a visualizar também a concentração e a dispersão dos termos entre os períodos selecionados e o eixo gravitacional do conjunto dos termos, que se localiza onde está “Brasil” (e que é igualmente o termo com o maior número de ocorrências, como visto anteriormente)<sup>17</sup>. Os termos em vermelho (1971–1989) e em verde (1990–1999) são os que mais se afastam do centro, contrastando com a relativa coesão dos termos em azul (2000–2010) e em lilás (2010–2018), que, nessa ordem, mais se aproximam do centro. A maior quantidade de termos no *subcorpus* 2000–2010, que conta com 205 títulos de livros, faz convergir sua força para o centro do “campo gravitacional”, mas igualmente revela que os outros períodos, incluindo o mais recente (2010–2018), pressionam com maior variedade lexical. O que parece igualmente reforçar a hipótese de que o PSB consolidou certa forma de organizar sua discussão e suas abordagens em fins dos anos 2000, que vem, no entanto, abrindo espaço nos últimos anos para maior heterogeneidade de objetos e temáticas e também para maiores disputas disciplinares quanto aos métodos e às abordagens disponíveis.

Mesmo se selecionarmos um conjunto de termos com uma frequência mínima de

1x, o mesmo comportamento de concentração e dispersão lexical se apresenta. Na Figura 11, em que estão marcados os pontos gravitacionais dos quatro *subcorpora* divididos por período e suas relações no plano fatorial, vemos que as maiores distâncias em relação ao centro gravitacional formado pelo *corpus* dos títulos dos livros são, nessa ordem: 1971–1989, 1990–1999, 2010–2018 e 2000–2009. O que reforça, mais uma vez, dada a distância verificada entre os dois últimos períodos, que estamos diante de um cenário de potencial mudança do vocabulário do PSB.

### *Pesquisadores e livros*

Conforme explicitado no começo dessa seção do artigo, conseguimos identificar, por meio da produção listada nos CV-Lattes dos 185 pesquisadores do GT “Pensamento Social no Brasil” da Anpocs, um total de 984 livros diferentes. Desse total, 477 são escritos e/ou organizados em coautoria, permitindo a criação de redes de relação a partir da participação em empreendimentos editoriais compartilhados. Se na análise dos títulos nos utilizamos de um método qualitativo de seleção dos títulos pertinentes à área — o que restringiu a análise dos títulos dos livros a um total de 511 publicações —, neste momento, aplicaremos outro procedimento de limpeza das relações, baseado na própria rede de relações formadas entre os 185 pesquisadores.

Em primeiro lugar, cabe mencionar que esse conjunto de pesquisadores não apenas se conecta entre si ao publicar livros

---

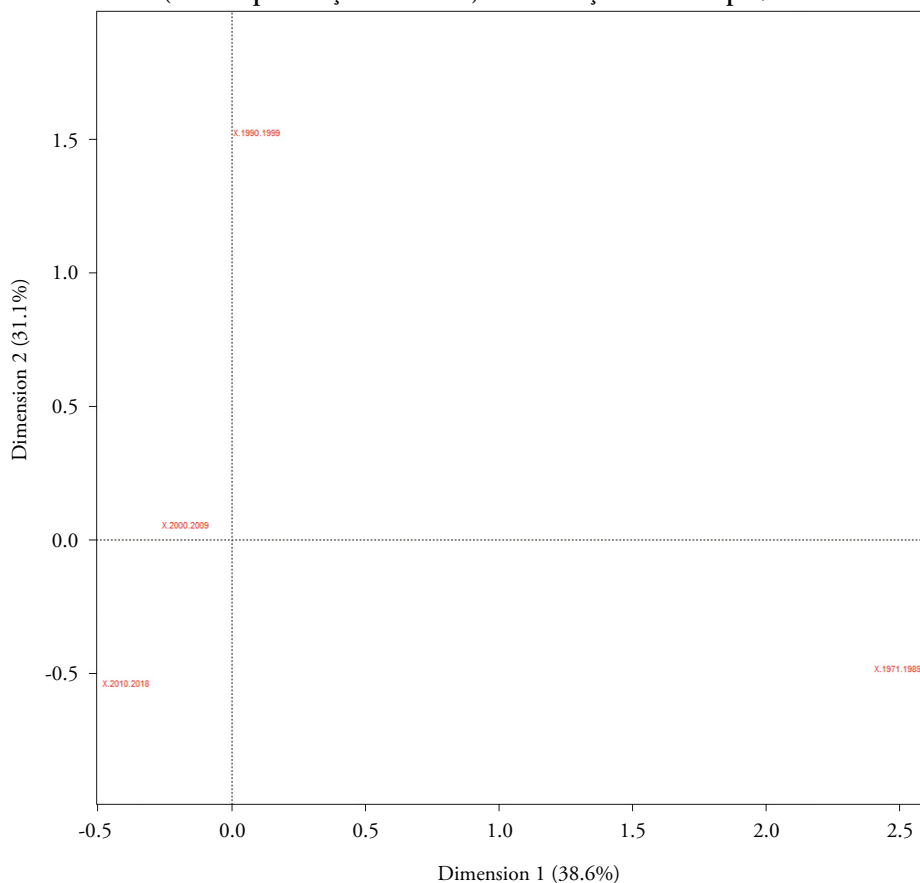
17 A seguir, destacamos as convenções visuais que poderão auxiliar a interpretação do plano fatorial: o tamanho das palavras representam a frequência delas no *corpus* — quanto maior a palavra no gráfico, maior seu poder de atração; o afastamento das palavras no campo do gráfico significa não só a baixa frequência, mas, sobretudo, sua pouca relação com as palavras das demais periodizações; as cores também variam conforme a frequência, e o fato de a palavra estar com determinada cor não significa que ela seja citada somente naquele período, mas que ela é mais citada em determinado período em relação aos outros.

em parceria. Com a identificação de todas as coautorias, chegamos a um número expressivo de 803 pesquisadores diferentes, isto é, mais do que quadruplicamos a nossa amostra inicial.

Porém, na medida em que o PSB é uma área constitutivamente porosa a outras especializações intra- ou interdisciplinares nas ciências sociais, esse aumento trará para a

análise pesquisadores alheios à área em questão. Embora também não isenta de problemas, há uma forma de selecionar um número mais restrito de pesquisadores e relações, graças a uma propriedade bastante comum em redes sociais como um todo: trata-se da formação de uma “componente gigante” (*giant component*), que nada mais é do que uma rede conectada de nós capaz de incor-

**Figura 11 – Plano fatorial dos quatro períodos selecionados (data de publicação dos livros). Visualização: Iramuteq 0.7.**



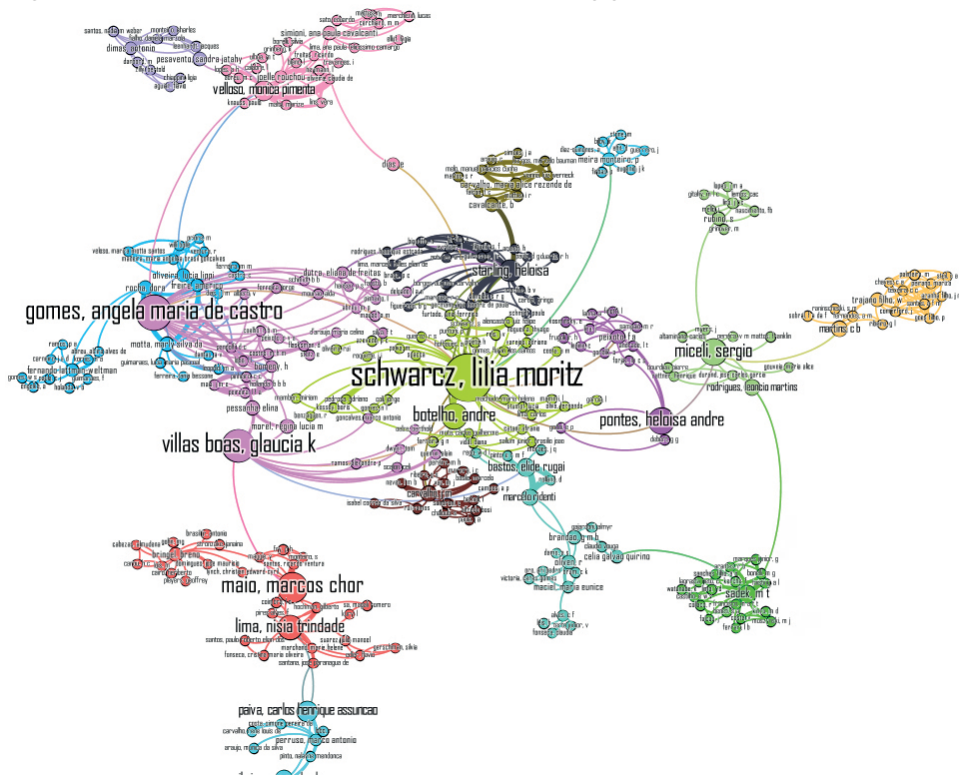
Fonte: Plataforma Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 14 jan. 2019.

porar grande parte do total de nós<sup>18</sup>. No caso dos pesquisadores de PSB, a componente gigante possui 330 pesquisadores ou 44,1% do total, totalizando 607 diferentes relações de coautoria (ou 49,75% do total). Ao filtrarmos da rede maior apenas essa componente, encontramos somente os pesquisadores que se ligam, direta ou indiretamente, a mais de uma publicação em coautoria organizada pelos participantes do GT da Anpo-

cs. Esse procedimento seleciona as relações, portanto, apenas da maior componente conectada da rede, ignorando coautorias mais marginais ao núcleo de interações do PSB.

Na Figura 12, em que estão destacadas as relações de coautoria da componente gigante, o tamanho dos nós está hierarquizado pela centralidade de intermediação (*betweenness centrality*), que chama a atenção para os atores que diminuem as distâncias na rede ao

Figura 12 – Grafo de coautorias de livros (componente gigante). Visualização: Gephi 0.9.2.



Fonte: Plataforma Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 14 jan. 2019.

18 Nos estudos cientométricos, costuma-se usar, sobretudo, a coautoria de artigos como critério de construção de redes de colaboração científica. Porém, em nosso caso de coautorias de livros, identificou-se a mesma presença dessa propriedade de uma componente gigante, que parece ser comum em redes de coautoria de artigos na física, nas ciências biomédicas e nas ciências da computação (NEWMAN, 2001).



colocarem em contato diferentes grupos densamente conectados<sup>19</sup>. A espessura das arestas indica o peso das relações de coautoria. Já as cores foram atribuídas aos nós por meio do algoritmo de detecção de comunidades disponível no *software* Gephi, que distribui as diferentes cores aos grupos de acordo com as suas maiores probabilidades de interação no conjunto da rede (BLONDEL *et al.*, 2008). A imagem permite apanharmos simultaneamente as várias clivagens — 16 comunidades diferentes foram identificadas — e o grau de integração formado pelas coautorias entre esses 330 pesquisadores — o caminho médio entre cada um dos pesquisadores é de apenas 6,05 nós de distância. Lendo-se o grafo em um eixo horizontal, vemos que ele se organiza em dois polos: à direita, reunindo os pesquisadores que gravitam (ou gravitaram) em torno do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro (FGV-RJ), e à esquerda, com os pesquisadores que tiveram atuação no projeto “História das Ciências Sociais no Brasil” do Idesp, organizado por Sergio Miceli. Já no eixo vertical, vemos, no polo superior, um grupo que se reúne pela análise da literatura e das artes e que gravita em torno da Fundação Casa de Rui Barbosa; e no polo inferior, uma bifurcação: à esquerda, pesquisadores que fazem a interface entre pensamento social e saúde pública que se localizam, sobretudo, na Fiocruz; e à direita, grupos dedicados à teoria política e ao pensamento político brasileiro, com algum predomínio da USP. Ao centro, em que estão as relações mais densas — portanto, onde a cooperação é mais intensa —, destacam-se, de um lado, Lilia Schwarcz, que coloca em contato os dois polos horizontais da rede, e,

de outro, André Botelho, Elide Rugai Bastos e Glaucia Villas Bôas, que fazem a conexão entre o centro da rede e suas diferentes regiões situadas no polo inferior.

Trata-se, portanto, de uma rede que se organiza com base em distintos grupos que, entretanto, admite um grau razoável de compartilhamento em suas produções em livro, conforme se nota na componente gigante formada por meio de publicações em coautoria entre 1973 e 2018. Vale reiterar, porém, que as conexões mais densas são aquelas que ligam o centro da rede ao seu polo esquerdo, sinalizando para o seu núcleo mais dinâmico de interações recíprocas.

O outro material que usamos aqui são os principais livros coletivos da área de PSB. Nesse caso, o pressuposto é que eles são o resultado de interações reais e efetivas entre *todos* os seus autores — e não apenas entre seus organizadores, como foi o caso da rede modelada anteriormente. O resultado é uma rede muito mais densa de interações, uma vez que todos os que participaram de algum livro coletivo importante de PSB terão relações com os demais participantes do mesmo livro. Por essa razão, mesmo que o número de livros selecionados seja menor — 52 livros coletivos, em oposição aos 984 da lista de livros em coautoria da rede anterior —, encontramos 559 em uma única componente gigante. No fim deste artigo, no Anexo 1, estão listados os 52 livros que serviram de base para as análises a seguir.

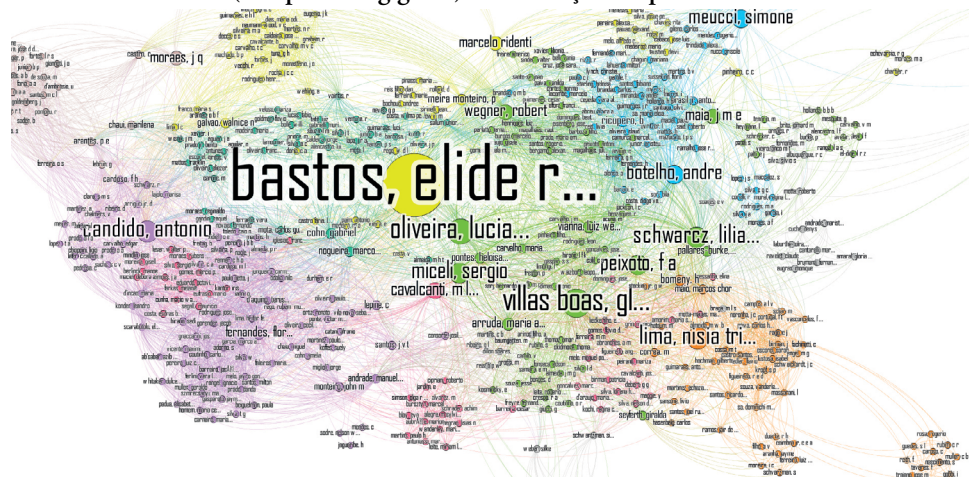
Na Figura 13, vemos maior coesão entre os pesquisadores da área — 12 comunidades distintas foram detectadas —, revelando a participação bastante assídua em eventos, seminários e/ou grupos de pesquisa com-

19 A definição formal de *betweenness centrality* é a seguinte: trata-se da medida da quantidade de vezes que um nó aparece no caminho mais curto entre os nós da rede. O algoritmo implementado no Gephi se encontra discutido em Brandes (2001).

partilhados. Mais uma vez, o tamanho dos nós estão hierarquizados pela centralidade de intermediação, chamando a atenção para aqueles que articulam os distintos grupos envolvidos. Na parte direita da rede, em que se concentram os atuais pesquisadores do PSB, vemos, em destaque, aqueles que participaram em distintas iniciativas coletivas da área, conectando grupos diferenciados. E na parte esquerda da rede, o grande grupo lilás reúne basicamente os pesquisadores que, nas décadas de 1980 e 1990, estiveram envolvidos com as primeiras revisões sistemáticas do ensaísmo e das gerações pioneiras das ciências sociais. Podemos notar um considerável “buraco estrutural” (*structural hole*) (BURT, 2009) entre essas duas gerações de pesquisadores que polarizam a rede em um eixo horizontal, revelando certa rarefação das interações entre elas. Não por acaso, Elide Rugai Bastos, que possui fortes conexões com as duas gerações, torna-se a principal *betweenner* da rede.

Na medida em que os dois tipos de relação — coautorias e participação em livros coletivos — expressam modos distintos de interagir e pertencer ao PSB, um exercício interessante passa pela integração das duas redes em uma única, capturando maior complexidade de interações entre os pesquisadores. Na Figura 14, a hierarquia dos nós não está mais dada pela centralidade de intermediação, mas pelo grau ponderado, isto é, pelo número de conexões com os demais membros da rede ponderado pelo peso de suas relações (*weighted degree centrality*). A junção entre os dois tipos de relação aumentou a componente gigante, que passou a reunir 1.020 pesquisadores (ou 90,51%) de um total de 1.127 pesquisadores que tiveram algum tipo de interação (em coautoria ou em livros coletivos) com os 185 pesquisadores do GT da Anpocs, concentrando 98,24% de todas as interações. Por essa razão, na imagem selecionada desta rede (Figura 14),

Figura 13 – Grafo de participações em livros coletivos (componente gigante). Visualização: Gephi 0.9.2.



Fonte: Sumários dos livros coletivos da área de “Pensamento Social no Brasil” (ver Anexo 1).

destacamos apenas o polo inferior, que reúne os participantes *atuais* do PSB, que se distribuem em três comunidades principais (em amarelo, verde e laranja), congregam 313 pesquisadores — ou 27,77% do total — e apresentam o maior grau de densidade de interações do conjunto.

Se o grafo de coautorias mostrava de modo mais claro como os pesquisadores do PSB se dividiam entre diferentes grupos com graus bastante distintos de interação recíproca, os dois grafos seguintes, por aumentarem de modo significativo o número de pesquisadores localizados na componente gigante, reforçam o grau relativo de integração da área, já que as distintas comunidades dos participantes *atuais* do PSB aparecem mais próximas na topografia da rede e com maior adensamento de relações em contraste com as demais regiões do grafo, não obstante suas diferenciações internas.

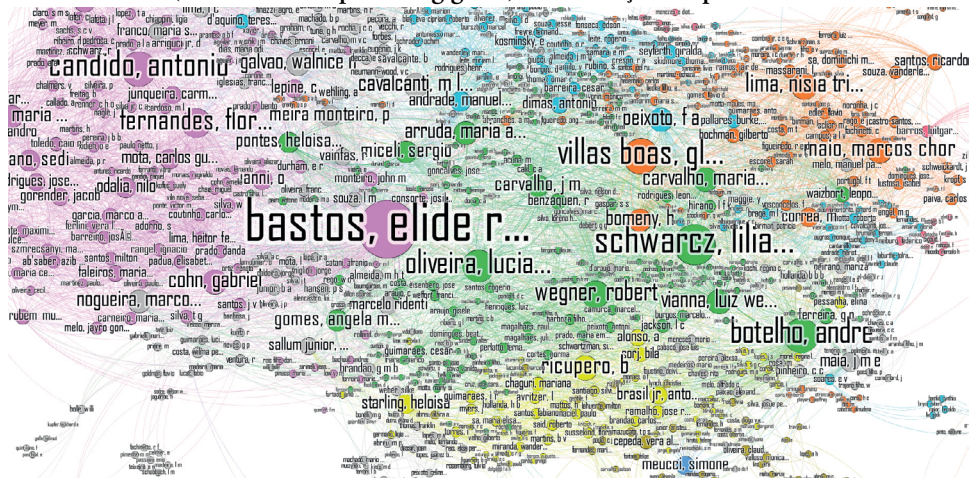
## Conclusão: disputa e cooperação na construção de uma área de pesquisa

As duas seções deste artigo, por meio de diferentes materiais e indicadores, sustentam basicamente três hipóteses fundamentais.

A área de PSB apresenta uma dinâmica discernível no que se refere à organização acadêmica, resultando em uma notável produção intelectual e em uma posição de destaque nas ciências sociais brasileiras. Em nosso levantamento, registramos mais de 500 livros publicados pelos 185 participantes do GT da Anpocs; ainda, identificamos 52 livros coletivos que foram fundamentais para o adensamento e a auto-observação desse conjunto de produtores.

Não obstante suas clivagens e polarizações internas — que se revelam não apenas no âmbito institucional, mas também em termos geracionais e disciplinares —, o PSB

Figura 14 – Grafo de coautorias e de participação em livros coletivos (detalhe da componente gigante). Visualização: Gephi 0.9.2.



Fonte: Plataforma Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 14 jan. 2019; e sumários dos livros coletivos da área de “Pensamento Social no Brasil” (ver Anexo 1).

logrou criar uma sinergia coletiva, tal como revelam as redes modeladas pelas coautorias em livros e pela participação em livros coletivos. Ainda, mesmo que de modo experimental, a análise lexical dos títulos dos 511 livros selecionados aponta para uma crescente coesão vocabular, em que pese uma tendência discernível de uma maior heterogeneidade no presente — o que também é reforçado pela constatação da pluralização dos GTs afins ao PSB nos diferentes congressos científicos das ciências sociais.

A área de PSB, a despeito de sua crescente especialização, revela grande capilaridade em suas relações com o conjunto das ciências sociais no Brasil. A partir dos dados dos 185 pesquisadores que frequentaram a Anpocs, encontramos, por meio das coautorias e da participação em livros coletivos, relações com mais de mil pesquisadores diferen-

tes, sinalizando para interações significativas com distintas especializações. Essa propriedade, comum em redes sociais, chamada “efeito de mundo pequeno” — um grupo conectado localmente é capaz, com algumas ligações com outros grupos mais distantes, diminuir consideravelmente as distâncias médias da rede (WATTS; STROGATZ, 1998) —, faz-se sentir fortemente no PSB, o que permite projetar igualmente a força de suas relações para além do perímetro mais estrito de seu âmbito especializado. Faltam estudos comparados que permitam mensurar melhor a especificidade do PSB em relação a outras áreas com base em certas métricas de rede, mas isso certamente ajuda a entender, de um lado, sua posição no interior das ciências sociais no Brasil, e, por outro, por que ela pretende ser uma área que caminha na contramão da hiperespecialização em curso atualmente.

## BIBLIOGRAFIA

- ALONSO, A. **Flores, votos e balas**: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ALONSO, A. **Ideias em movimento**: a geração 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ALONSO, A. **Joaquim Nabuco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ALONSO, A.; PINHEIRO FILHO, F. A. Instauración y desarrollo de la sociología de la cultura en Brasil Sociológica. **Sociológica**, v. 32, n. 90, p. 259-275, 2017.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS (ANPOCS). **Livro de nomes da ANPOCS (1977-2016)**. São Paulo: ANPOCS, 2016.
- ARRUDA, M. A. do N. Florestan Fernandes e a sociologia de São Paulo. *In*: ARRUDA, M. A. do N. **Metrópole e cultura: São Paulo no meio século XX**. Bauru: Edusc, 2002. p. 189-330.
- ARRUDA, M. A. do N. Sociologia da Cultura e Sociologia da Comunicação de Massa: Esboço de uma Problemática. *In*: MARTINS, C. B.; MARTINS, H. H. T. de S. (orgs.). **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil**: Sociologia. São Paulo: Barcarolla, 2010. p. 253-277.
- BASTOS, E. R. Florestan Fernandes e a construção das ciências sociais. *In*: MARTINEZ, P. H. (org.). **Florestan ou o sentido das coisas**. São Paulo: Boitempo, 1998. p. 143-156.

- BASTOS, E. R. Pensamento social da escola sociológica paulista. *In*: MICELI, S. (org.). **O que ler na ciência social brasileira: 1970-2002** (Sociologia). São Paulo: Sumaré / ANPOCS, 2002. p. 183-230.
- BASTOS, E. R.; BOTELHO, A. Horizontes das ciências sociais: pensamento social brasileiro. *In*: MARTINS, C. B.; MARTINS, H. H. T. de S. (orgs.). **Horizontes das ciências sociais no Brasil**: sociologia. São Paulo: ANPOCS, 2010. p. 475-496.
- BITTENCOURT, A. V. **O Brasil e suas diferenças**: uma leitura genética de populações meridionais do Brasil. São Paulo: Hucitec, 2013.
- BLONDEL, V. D. *et al.* Fast unfolding of communities in large networks. **Journal of Statistical Mechanics: Theory and Experiment**, v. 2008, n. 10, p. P10008, 9 out. 2008. <https://doi.org/10.1088/1742-5468/2008/10/P10008>
- BOTELHO, A. **Aprendizado do Brasil**: a nação em busca dos seus portadores sociais. Campinas: Ed. Unicamp, 2002.
- BOTELHO, A. **De olho em Mário de Andrade**: uma descoberta intelectual e sentimental do Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- BOTELHO, A. **O Brasil e os dias**: estado-nação, modernismo e rotina intelectual. Bauru: Edusc, 2005.
- BOTELHO, A. Sequências de uma sociologia política brasileira. **Dados**, v. 50, n. 1, p. 49-82, 2007. <http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52582007000100003>
- BOTELHO, A. Un programa fuerte para el pensamiento social brasileño. **Prismas**, n. 19, p. 151-162, 2015.
- BOTELHO, A.; BASTOS, E. R.; VILLAS BÔAS, G. (orgs.). **O moderno em questão**: a década de 1950 no Brasil. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.
- BOTELHO, A.; FERREIRA, G. N. (orgs.). **Revisão do pensamento conservador**: idéias e política no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 11-22.
- BOTELHO, A.; RICUPERO, B.; BRASIL JR., A. Cosmopolitanism and Localism in the Brazilian Social Sciences. **Canadian Review of Sociology**, v. 54, n. 2, p. 216-236, 2017. <https://doi.org/10.1111/cars.12146>
- BOTELHO, A.; SCHWARCZ, L. M. **Um enigma chamado Brasil**: 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BRANDÃO, G. M. **Linhagens do pensamento político brasileiro**. São Paulo: Hucitec, 2007.
- BRANDES, U. A faster algorithm for betweenness centrality. **Journal of Mathematical Sociology**, v. 25, n. 2, p. 163-177, 2001. <https://doi.org/10.1080/0022250X.2001.9990249>
- BRASIL JR., A. **Passagens para a teoria sociológica**: Florestan Fernandes e Gino Germani. São Paulo; Buenos Aires: Hucitec; Clacso, 2013.
- BRASIL JR., A.; CARVALHO, L. C. Biblioteca Virtual do Pensamento Social: conhecimento, democratização e reflexividade das interpretações do Brasil. **Parcerias Estratégicas**, v. 22, n. 45, p. 143-154, 2017.
- BURT, R. S. **Structural Holes**: The Social Structure of Competition. Harvard: Harvard University Press, 2009.
- CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um *software* gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>
- CARDOSO, I. **A universidade da Comunhão Paulista**: O projeto de criação da Universidade de São Paulo. São Paulo: Editores Associados / Cortez, 1982.

- CARVALHO, J. M. de. **A Construção da Ordem: a elite política imperial.** Rio de Janeiro: UFRJ / Relume Dumará, 1980.
- CARVALHO, L. C. **Projeto, conhecimento e reflexividade: estudos rurais e questão agrária no Brasil dos anos 1970.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- CAVALCANTI, M. L. **Reconhecimentos: antropologia, folclore e cultura popular.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012.
- CEPÊDA, V. A. **Roberto Simonsen e a formação da ideologia industrial no Brasil: limites e impasses.** Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- CEPÊDA, V. A.; MAZUCATO, T. (orgs.). **Florestan Fernandes 20 anos depois: um exercício de memória.** São Carlos: Ideias, Intelectuais e Instituições, UFSCar, 2015.
- CHAGURI, M. **O romancista e o engenho: José Lins do Rêgo e o regionalismo nordestino dos anos 1920 e 1930.** São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2009.
- CORREA, M. **As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2013.
- DAMACENO, R. J. P. *et al.* The Brazilian academic genealogy: evidence of advisor–advisee relationships through quantitative analysis. **Scientometrics**, v. 119, n. 1, p. 303–333, 1º abr. 2019. <https://doi.org/10.1007/s11192-019-03023-0>
- DIMITROV, E. **O Brasil dos espertos: uma análise da construção social de Ariano Suassuna como “criador e criatura”.** São Paulo: Alameda, 2011.
- FELGUEIRAS, C. **O futuro e suas ilusões: os Estados Unidos nas visões de Monteiro Lobato e Eduardo Prado.** Tese (Doutorado) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- FERREIRA, G. N. **Centralização e descentralização no Império: o debate entre Tavares Bastos e visconde de Uruguai.** São Paulo: Editora 34, 1999.
- FERREIRA, G. N. **O Rio da Prata e a consolidação do Estado Imperial.** São Paulo: Hucitec, 2006. v. 62.
- FERREIRA, G. N.; BOTELHO, A. (orgs.). **Revisão do Pensamento Conservador.** São Paulo: Hucitec, 2011.
- HOELZ, M. **Entre piano e ganzá: música e interpretação do Brasil em Mário de Andrade.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- IANNI, O. **Sociologia da sociologia latino-americana.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. v. 83.
- IANNI, O. **Sociologia da sociologia: o pensamento sociológico brasileiro.** São Paulo: Ática, 1989.
- JACKSON, L. C. **A tradição esquecida: os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- JACKSON, L. C.; BARBOZA, D. P. Histórias das ciências sociais brasileiras. *In:* MICELI, S.; MARTINS, C. B. (orgs.). **Sociologia brasileira hoje.** Cotia: Ateliê Editorial, 2017.
- JACKSON, L. C.; BLANCO, A. **Sociologia no espelho: ensaístas, cientistas sociais e críticos literários no Brasil e na Argentina (1930-1970).** São Paulo: Editora 34, 2014.
- KANTOR, I.; MACIEL, D. A.; SIMÕES, J. A. **A escola livre de sociologia e política: anos de formação 1933-1953 - Depoimentos.** São Paulo: Escuta, 2001.

- KAYSEL, A. **Dois encontros entre o marxismo e a América Latina**. São Paulo: Hucitec, 2012.
- KLÜGER, E. Análise de correspondências múltiplas: fundamentos, elaboração e interpretação. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, v. 86, n. 2, p. 68-97, 2018. <http://doi.org/10.17666/bib8604/2018>
- LEITE, A. N. **Milagre acadêmico: a institucionalização das ciências sociais brasileiras (1964-1985)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- LIMA, N. T. **Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional**. Rio de Janeiro: Iuperj, 1999.
- LOPES, A. M. **Vida rural e mudança social no Brasil: tradição e modernidade na sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- LUHMANN, N. **Observations on modernity**. Stanford: Stanford University Press, 1998.
- LYNCH, C. E. C. Cartografia do Pensamento Político Brasileiro: conceito, história, abordagens. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 19, p. 75-119, 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220161904>
- LYNCH, C. E. C. Por que *pensamento* e não *teoria*? A imaginação político-social brasileira e o fantasma da condição periférica (1880-1970). **Dados**, v. 56, n. 4, p. 727-767, 2013.
- LYNCH, C. E. C. Wanderley Guilherme dos Santos, intérprete do pensamento nacional brasileiro. In: LYNCH, C. E. C. (org.). **A imaginação política brasileira: cinco ensaios de história intelectual**. Rio de Janeiro: Revan, 2017. p. 9-46.
- MAIA, F. **Questão agrária e modernização no Brasil**. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- MAIA, J. M. E. **A terra como invenção: o espaço no pensamento social brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- MAIA, J. M. E. Ideias, intelectuais, textos e contextos: novamente a Sociologia da Cultura. **BIB**, São Paulo, n. 62, p. 53-71, 2006.
- MAIA, J. M. E. Pensamento Brasileiro e Teoria Social: notas para uma agenda de pesquisa. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, n. 71, p. 155-168, 2009. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092009000300011>
- MAIO, M. C.; VILLAS BÔAS, G. (orgs.). **Idéias de Modernidade e Sociologia no Brasil: Ensaios sobre Luiz de Aguiar Costa Pinto**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.
- MENA-CHALCO, J. P.; CESAR JUNIOR, R. M. ScriptLattes: an open-source knowledge extraction system from the Lattes platform. **Journal of the Brazilian Computer Society**, v. 15, n. 4, p. 31-39, 2009. <http://dx.doi.org/10.1007/BF03194511>
- MEUCCI, S. **A institucionalização da sociologia no Brasil: primeiros manuais e cursos**. São Paulo: Hucitec, 2011.
- MEUCCI, S. **Artesania da sociologia no Brasil: contribuições e interpretações de Gilberto Freyre**. Curitiba: Appris, 2015.
- MEUCCI, S.; CARVALHO, L. C. Notas sobre Pensamento Social Brasileiro nos currículos: pressupostos, inquietações e questões de uma pesquisa em elaboração. **Blog BVPS**, 29 jan. 2018. Disponível em: <<https://blogbvps.com/2018/01/29/notas-sobre-pensamento-social-brasileiro-nos-curriculos-pessupostos-inquietacoes-e-questoes-de-uma-pesquisa-em-elaboracao-por-simone-meucci-ufpr-e-lucas-carvalho-uff/>>. Acesso em: 2 abr. 2019.
- MICELI, S. (org.). **História das ciências sociais no Brasil**. São Paulo: Idesp; Sumaré, 1995. v. 2.

- MICELI, S. (org.). **História das ciências sociais no Brasil**. São Paulo: Idesp; Vértice, 1989a. v. 1.
- MICELI, S. Intelectuais Brasileiros. *In*: MICELI, S. (org.). **O que Ler na Ciência Social Brasileira (1970-1995)**. 2. ed. São Paulo / Brasília: Sumaré / Anpocs / Capes, 1999. p. 109-147.
- MICELI, S. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.
- MICELI, S. Por uma sociologia das ciências sociais. *In*: MICELI, S. (org.). **História das ciências sociais no Brasil**. São Paulo: Idesp; Vértice, 1989b. v. 1. p. 5-19.
- MICELI, S.; PONTES, H. **Cultura e Sociedade: Brasil e Argentina**. São Paulo: Edusp, 2014.
- MONTEIRO, P. M. **A queda do aventureiro**: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil. Campinas: Ed. Unicamp, 1999.
- MONTEIRO, P. M. **Um moralista nos trópicos**: o visconde de Cairu e o duque de La Rochefoucauld. São Paulo: Boitempo; Fapesp, 2004.
- MORETTI, F. **Distant reading**. Londres: Verso Books, 2013.
- MOTA, C. G. **Ideologia da cultura brasileira**. São Paulo: Ática, 1977.
- MOTA, R. (org.). **Roger Bastide hoje**: raça, religião, saudade e literatura. Recife: Bagaço, 2005.
- NEWMAN, M. E. Scientific collaboration networks. I. Network construction and fundamental results. **Physical review E**, v. 64, n. 1, p. 016131, 2001. <https://doi.org/10.1103/PhysRevE.64.016131>
- OLIVEIRA, L. L. Interpretações sobre o Brasil. *In*: MICELI, S. (org.). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Sumaré/Anpocs, 1999. v. 2. p. 147-81.
- ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PEIRANO, M. **Uma antropologia no plural**: três experiências contemporâneas. Brasília: Ed. UnB, 1992.
- PEIXOTO, F. A. **A viagem como vocação**: Itinerários, parcerias e formas de conhecimento. São Paulo: Edusp, 2015.
- PERLATTO, F. **A imaginação sociológica brasileira**: a sociologia no Brasil e sua vocação pública. Curitiba: CRV, 2016.
- PONTES, H. **Intérpretes da metrópole**: história social e relações de gênero no teatro e no campo intelectual, 1940-1968. São Paulo: Edusp, 2011.
- PULICI, C. **Entre sociólogos**: versões conflitivas da “condição de sociólogo” na USP dos anos 1950-1960. São Paulo: Edusp, 2008.
- RAMASSOTE, R. M. **A vida social das formas literárias: crítica literária e ciências sociais no pensamento de Antonio Candido**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- RICUPERO, B. **Caio Prado Jr. e a nacionalização do marxismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- RICUPERO, B. **Romantismo e a ideia de nação no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- RODRIGUES, L. S. **A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e um seminário (1958-1978)**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- ROMÃO, W. de M. **Sociologia e política acadêmica nos anos 1960**: a experiência do CESIT. São Paulo: Humanitas, 2006.



- SANTOS, W. G. dos. A imaginação político-social brasileira. **Dados**, v. 2, n. 3, p. 182-193, 1967.
- SANTOS, W. G. dos. **Ordem burguesa e liberalismo político**. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- SANTOS, W. G. dos. Raízes da imaginação política brasileira. **Dados**, n. 7, p. 137-161, 1970.
- SCHWARCZ, L. M. **Lima Barreto**: Triste Visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SCHWARCZ, L. M.; BOTELHO, A. Pensamento social brasileiro, um campo vasto ganhando forma. **Lua Nova**, v. 1, n. 82, p. 11-16, 2011. <http://doi.org/10.1590/S0102-64452011000100002>
- SCHWARTZMAN, S. **Formação da comunidade científica no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional / Finep, 1979.
- SCHWARTZMAN, S.; BOMENY, H. M. B.; COSTA, V. M. R. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra / FGV, 2000.
- SILVA, D. P. da. **Abertura da teleficação no Brasil: as minisséries da Rede Globo de Televisão (1982-1992)**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SILVA, M. A. M. da. **A descoberta do insólito**: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000). Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.
- TOLEDO, C. N. de. **ISEB**: fábrica de ideologias. Campinas: Editora da Unicamp, 1977.
- TRINDADE, A. D. **André Rebouças**: um engenheiro do Império. São Paulo: Hucitec, 2011.
- WATTS, D. J.; STROGATZ, S. H. Collective dynamics of ‘small-world’ networks. **Nature**, v. 393, n. 6684, p. 440-442, 1998. <https://doi.org/10.1038/30918>
- WEGNER, R. **A conquista do oeste**: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda. Minas Gerais: Ed. UFMG, 2000. v. 54.

## Resumo

### *O pequeno grande mundo do Pensamento Social no Brasil*

Este artigo realiza uma análise da estrutura, da evolução, dos padrões de atuação e de alguns dos desafios contemporâneos da área de Pensamento Social no Brasil. Na primeira parte, mobilizando os dados do grupo temático da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) “Pensamento Social no Brasil”, no período 1983–2018, delineamos um perfil disciplinar, institucional, organizacional e geracional da área de pesquisa. Na segunda parte, em registro experimental, por meio de ferramentas de *distant reading*, tais como a análise lexical e a análise de redes sociais, mapeamos os títulos dos livros da área e as relações entre pesquisadores que eles sugerem (tais como as coautorias e as participações em livros coletivos da área). Nossa hipótese é que a área de Pensamento Social no Brasil, a despeito de suas tensões e polarizações internas, sedimentou canais expressivos de cooperação intelectual, seja entre os seus especialistas, seja com os pesquisadores de outras áreas, o que ajuda a entender sua legitimação no interior das ciências sociais brasileiras.

**Palavras-chave:** Pensamento social no Brasil; Interdisciplinaridade; Anpocs; Análise de redes sociais.

## Abstract

*Falta título Abstract*

This article analyzes the structure, evolution, patterns of action and some of the contemporary challenges of the area of Brazilian Social Thought. In the first part, mobilizing data from the Anpocs Thematic Group “Social Thought in Brazil”, in the period 1983-2018, we outline a disciplinary, institutional, organizational and generational profile of the research area. In the second part, in an experimental record, through distant reading tools, such as lexical and social network analysis, we map the titles of the books of the area and the relationships between researchers that they suggest (such as co-authoring and participations in books of the area). Our hypothesis is that, despite its tensions and internal polarization, the area Brazilian Social Thought managed to create expressive channels of intellectual cooperation, be it among its specialists or with researchers of other areas, which helps to understand its place within the Brazilian social sciences.

**Keywords:** Brazilian social thought; Interdisciplinarity; Anpocs; Social network analysis.

## Résumé

*Le petit grand monde de la pensée sociale au Brésil*

Cet article analyse la structure, l'évolution, les modèles d'action et les défis actuels de la recherche sur « la pensée sociale au Brésil ». Dans la première partie, en utilisant les données du groupe thématique de la Anpocs « Pensée sociale au Brésil », nous présentons un profil disciplinaire, institutionnel, organisationnel et générationnel du groupe pour la période 1983-2018. Dans la seconde partie, expérimentalement, en utilisant des outils de lecture à distance – tels que l'analyse lexicale et l'analyse de réseaux sociaux –, nous cartographions les titres des auteurs de ce groupe thématique et les relations qu'ils suggèrent entre chercheurs (tels que la co-rédaction et la participation à travaux collectifs). Notre hypothèse est que, malgré ses tensions internes et ses polarisations, le domaine de la « pensée sociale au Brésil » a été formé par d'importants canaux de coopération intellectuelle, parmi ses experts ou avec des chercheurs d'autres domaines, ce qui aide à comprendre sa légitimité dans Sciences sociales brésiliennes.

**Mots-clés :** Pensée sociale au Brésil ; interdisciplinarité ; Anpocs ; Analyse de réseau social.

Anexo 1 – Lista de livros coletivos (referentes às Figuras 13 e 14).

Ano	Autor(es)	Título	Editora	Estado sede da editora
1986	Reginaldo Moraes Ricardo Antunes Vera B. Ferrante	<i>Inteligência brasileira</i>	Brasiliense	São Paulo
1987	Maria Angela D’Incao	<i>O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes</i>	Unesp Paz & Terra	São Paulo
1988	Maria Cecília Loschiavo dos Santos	<i>Maria Antonia: uma rua na contramão</i>	Nobel	São Paulo
1989	Maria Angela D’Incao	<i>História e ideal: ensaios sobre Caio Prado Jr.</i>	Brasiliense Unesp	São Paulo
1989	Sergio Miceli	<i>História das ciências sociais no Brasil (v. 1)</i>	Vértice	São Paulo
1992	Maria Angela D’Incao Eloísa Faria Scarabôto	<i>Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido</i>	Companhia das Letras	São Paulo
1993	Sergio Miceli	<i>A Fundação Ford no Brasil</i>	Sumaré	São Paulo
1993	Elide Rugai Bastos João Quartim de Moraes	<i>O pensamento de Oliveira Vianna</i>	Unicamp	São Paulo
1995	Sergio Miceli	<i>História das ciências sociais no Brasil (v. 2)</i>	Sumaré	São Paulo
1995	Elina Pessanha Gláucia Villas Bôas	<i>Ciências sociais: ensino e pesquisa na graduação</i>	Jornada Cultural	Rio de Janeiro
1996	Maria Izabel Leme Faleiros Regina Aínda Crespo	<i>Humanismo e compromisso: ensaios sobre Octavio Ianni</i>	Unesp	São Paulo
1996	Marcos Chor Maio Ricardo Ventura Santos	<i>Raça, ciência e sociedade</i>	Centro Cultural Banco do Brasil Fundação Oswaldo Cruz	Rio de Janeiro
1999	Ethel Kosminsky	<i>Agruras e prazeres de uma pesquisadora: ensaios sobre a sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz</i>	Unesp	São Paulo
1999	Marcos Chor Maio Gláucia Villas Bôas	<i>Ideais de modernidade e sociologia no Brasil: ensaios sobre Luiz de Aguiar Costa Pinto</i>	Editora da UFRGS	Rio Grande do Sul
1999	Lourenço Dantas Mota	<i>Introdução ao Brasil: um banquete nos trópicos (v. 1)</i>	Editora Senac	São Paulo
2000	Lourenço Dantas Mota	<i>Introdução ao Brasil: um banquete nos trópicos (v. 2)</i>	Editora Senac	São Paulo

Continua...

## Anexo 1 – Continuação.

Ano	Autor(es)	Título	Editora	Estado sede da editora
2000	Simon Schwartzman Helena Bomeny Vanda Maria Ribeiro Costa	<i>Tempos de Capanema</i>	Paz & Terra FGV Editora	São Paulo Rio de Janeiro
2000	Angelica Madeira Mariza Veloso	<i>Descobertas do Brasil</i>	UnB	Brasília
2001	Iris Kantor Débora Alvez Maciel Julio Simões	<i>A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação (1933-1953)</i>	Escuta	São Paulo
2001	Angela Mendes de Almeida Berthold Zilly Eli Napoleão de Lima	<i>De sertões, desertos e espaços incivilizados</i>	Mauad	Rio de Janeiro
2003	Fernanda Arêas Peixoto Claude Lepine Ethel Kosminsky	<i>Gilberto Freyre em quatro tempos</i>	Edusc Unesp	São Paulo
2003	Elide Rugai Bastos Marcelo Ridenti Denis Rolland	<i>Intelectuais: sociedade e política</i>	Cortez	São Paulo
2004	Fernanda Arêas Peixoto Lilia Schwarcz Heloisa Pontes	<i>Antropologias, histórias, experiências</i>	Editora da UFMG	São Paulo
2005	Caio Navarro de Toledo	<i>Intelectuais e política no Brasil: a experiência do ISEB</i>	Revan	Rio de Janeiro
2005	Carlos Benedito Martins	<i>Para onde vai a pós-graduação em ciências sociais no Brasil</i>	Edusc	São Paulo
2005	Gláucia Villas Bôas Elina Gonçalves da Fonte Pessanha Regina Lúcia de Moraes Morel	<i>Evaristo de Moraes Filho, um intelectual humanista</i>	Topbooks	Rio de Janeiro
2005	Roberto Motta	<i>Roger Bastide hoje: raça, religião, saudade e literatura</i>	Bagaço	Pernambuco
2005	João Trajano Santo-Sé; Vanilda Paiva	<i>Pensamento social brasileiro</i>	Cortez	São Paulo
2006	Marcio de Oliveira	<i>As ciências sociais no Paraná</i>	Protexito	Curitiba
2007	Sergio Miceli Franklin de Mattos	<i>Gilda, a paixão pela forma</i>	Ouro sobre Azul	Rio de Janeiro
2008	Andre Botelho Elide Rugai Bastos Gláucia Villas Bôas	<i>O moderno em questão: a década de 1950 no Brasil</i>	Topbooks	Rio de Janeiro
2008	Nísia Trindade Lima	<i>Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Roquette-Pinto</i>	Editora da UFMG Editora Fiocruz	Minas Gerais Rio de Janeiro

Continua...

## Anexo 1 – Continuação.

Ano	Autor(es)	Título	Editora	Estado sede da editora
2008	Pedro Meira Monteiro João Kennedy Eugenio	<i>Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas</i>	Eduerj Unicamp	Rio de Janeiro São Paulo
2009	Andre Botelho Lilia Schwarcz	<i>Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país</i>	Companhia das Letras	São Paulo
2010	Andre Botelho Gabriela Nunes Ferreira	<i>Revisão do pensamento conservador: idéias e política no Brasil</i>	Hucitec	São Paulo
2010	Fatima R. G. Tavares Simoni Lahud Guedes Carlos Alberto Caroso Soares	<i>Experiências de ensino e prática em antropologia no Brasil</i>	Ícone	Brasília
2012	Fernando Perlatto Rubem Barboza Filho	<i>Uma sociologia indignada: diálogos com Luiz Werneck Vianna</i>	Editora UFJF	Minas Gerais
2012	Milton Lahuerta Carlos Henrique Gileno	<i>Pensamento brasileiro: atores e idéias</i>	Cultura Acadêmica	São Paulo
2013	Leonardo Avritzer	<i>Leituras críticas sobre Gabriel Cohn</i>	Editora da UFMG	Minas Gerais
2013	Roberto Motta Marcionila Fernandes	<i>Gilberto Freyre: região, tradição, trópico e outras aproximações</i>	Instituto Miguel de Cervantes	Rio de Janeiro
2014	Luiz Bernardo Pericás Lincoln Secco	<i>Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados</i>	Boitempo	São Paulo
2014	Heloisa Pontes Sergio Miceli	<i>Cultura e sociedade. Brasil e Argentina</i>	Edusp	São Paulo
2014	Bernardo Borges Buarque Hollanda Claudio Costa Pinheiro Helena Maria Bousquet Bomeny João Marcelo Ehlert Maia	<i>Ateliê do pensamento social: ideias em perspectiva global</i>	FGV Editora	Rio de Janeiro
2015	Nísia Trindade Lima Gilberto Hochman	<i>Médicos intérpretes do Brasil</i>	Hucitec	São Paulo
2015	Vera Alves Cepêda Thiago Pereira da Silva Mazucato	<i>Florestan Fernandes, 20 anos depois: Um exercício de memória</i>	EdUFSCar	São Paulo
2016	Bernardo Borges Buarque Hollanda, João Marcelo Ehlert Maia, Claudio Costa Pinheiro	<i>Ateliê do pensamento social: métodos e modos de leituras com textos literários</i>	FGV Editora	Rio de Janeiro
2016	Leonardo Avritzer Maria do Socorro Souza Braga Carlos Roberto Sanchez Milani	<i>A ciência política no Brasil: 1960-2015</i>	FGV Editora	Rio de Janeiro

Continua...

### Anexo 1 – Continuação.

Ano	Autor(es)	Título	Editora	Estado sede da editora
2016	Pedro Meira Monteiro Lilia Schwarcz	<i>Raízes do Brasil, de Sergio Buarque de Holanda</i>	Companhia das Letras	São Paulo
2016	Elina Pessanha Gláucia Villas Bôas José Sergio Leite Lopes Regina Morel Rodrigo de Lacerda Carelli Sayonara Grillo Coutinho Leonardo da Silva	<i>Evaristo de Moraes Filho: 100 anos de vida; contribuição à sociologia e ao direito do trabalho</i>	Ministério Público do Trabalho	Brasília
2017	Bernardo Borges Buarque Hollanda João Marcelo Ehlert Maia	<i>Ateliê do pensamento social: a pesquisa sobre o Brasil no exterior</i>	FGV Editora	Rio de Janeiro
2017	André Botelho Heloísa Starling	<i>República e democracia: impasses do Brasil contemporâneo</i>	Editora da UFMG	Belo Horizonte
2018	Mariana Chaguri Mario Medeiros	<i>Rumos do Sul: periferia e pensamento social</i>	Alameda	São Paulo

